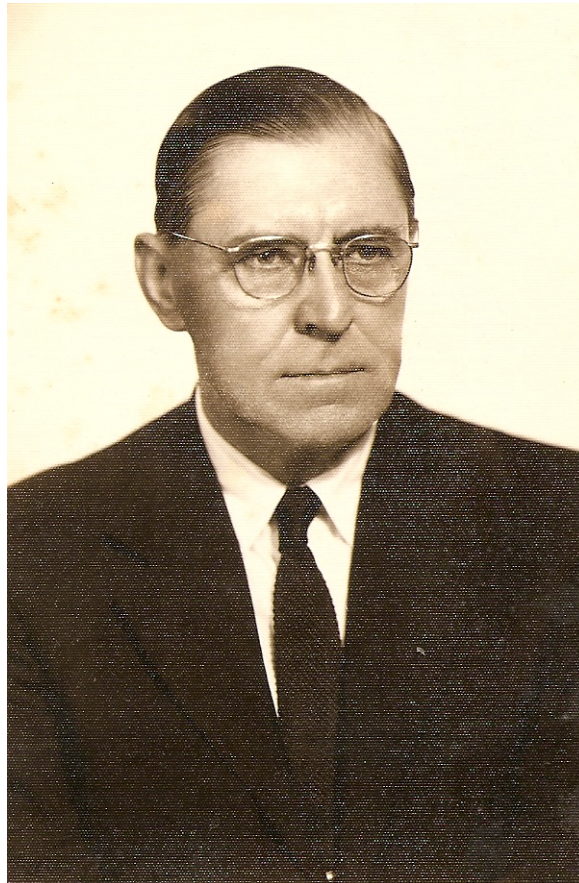


CRISTIANISMO

E

CULTURA CONTEMPORÂNEA

Dr. Reynaldo Purim, Ph. D.



Pastor Dr. Reynaldo Purim

Contatos:
João Reinaldo Purin
jrpurin2008@gmail.com

Introdução:

Antes de começar esta matéria precisamos definir o que esperamos estudar aqui. A nossa finalidade já está indicada no nome do curso. Esperamos estudar, à luz do Cristianismo, a cultura do tempo atual, as suas origens, características e problemas. O termo “cultura” talvez, não se aplique bem ao pensamento contemporâneo, pois quando empregamos o termo, temos a ideia de coisas estabelecidas e que já se tornaram parte da vida coletiva. Neste estudo, certamente, esperamos abordar coisas que podem ser consideradas como cultura. Esperamos abordar também outras que ainda não assumiram aspectos definidos e que ainda não se incorporaram à vida e que, portanto, dificilmente poderiam ter o nome de “cultura” no sentido comum do termo.

O presente estudo, quanto ao método, pode ser considerado como parte da filosofia da história, cuja finalidade é interpretar tendências e acontecimentos históricos, em termos de suas causas e efeitos, e focalizar as diretrizes e forças operantes na história. A filosofia da história estuda um passado mais distante e que pode ser observado em perspectivas maiores do tempo. Para uma interpretação filosófica da história é preciso que os fatos sejam vistos à luz do tempo, que põe à prova ou que revela o significado real das coisas.

Neste estudo, além de apreciar assuntos que podem ser considerados como cultura já formada, esperamos abordar também as tendências e movimentos do momento presente, ainda que não constituam uma história sistematizada e escrita, mas que são apenas materiais a serem sistematizados e incluídos nas histórias amanhã ou depois. A intensidade e rapidez com que as experiências e transformações se desenvolvem na vida

humana, hoje em dia, exigem que estudemos não somente os fatos da história que já se cristalizaram, mas exigem que estudemos o que significam no momento presente. Para algumas coisas a serem estudadas, não teremos compêndios, pelo fato de as coisas ainda não serem escritas e publicadas. Os compêndios só apresentam acontecimento e situações passadas, mais ou menos distantes, que fazem parte do pensamento e sentimento modernos, ou então, que podem ter sofrido mudança completa.

Para estudarmos fatos do momento atual, precisamos depender de matéria que aparece em periódicos, no rádio e outros meios de comunicação. Uma característica de nosso estudo será que não ficaremos limitados à matéria sistematizada ou oferecida por terceiros. Precisaremos sistematizar por nós mesmo assuntos que se apresentam no momento. Hoje em dia, não basta estudarmos ou procurarmos interpretar apenas o que aconteceu uma vez. Precisamos observar também o que está acontecendo no momento presente. Em outras palavras, precisamos estudar não só o que aconteceu, mas o que está acontecendo agora. Não basta interpretar o que aconteceu e os seus efeitos e, talvez, sem podermos modificá-los. Hoje em dia, precisamos perceber tendências e movimentos e procurar, em tempo, evitar consequências prejudiciais que podem trazer e compreender as coisas, prever e procurar evitar efeitos prejudiciais antes que aconteçam. A história, além de ser a ciência, que estuda o passado, precisa ser também a ciência presente e do futuro, percebendo e combatendo tendências e movimentos cujos efeitos ameaçam o futuro.

Pré-requisitos:

Como sugere o nome desse estudo, esperamos examinar ou interpretar aqui os fatos da cultura contemporânea à luz do Cristianismo. Como intérpretes e propagadores do Cristianismo

no mundo atual, precisamos não somente acompanhar as tendências e movimentos do pensamento atual; precisamos também julgá-los e procurar orientá-los e procurar orientá-los do ponto de vista do Cristianismo. A ciência e a filosofia, embora tenham sido e sejam fatores do progresso e das diretrizes da história, não podem orientar, nem dizer a última palavra na interpretação dessa mesma história. Não podem orientar o curso da vida humana, nem tão pouco podem solucionar os seus problemas. Hoje em dia, tanto a ciência como a filosofia voltam-se para a religião por reconhecer a sua própria incapacidade para orientar a vida humana. Não basta, porém, vultar-se apenas para a religião; é preciso voltar-se para a religião cristã.

Para interpretar à luz do Cristianismo, a história, ou a experiência como a cultura contemporânea, o pregador e o teólogo precisam conhecer tanto o Cristianismo na sua forma histórica atual, como também e principalmente precisa conhecê-lo no seu ideal e como critério para julgar as formas históricas do Cristianismo para avaliar as tendências e as formas históricas da cultura e da vida humana em sua totalidade. Hoje em dia mais do que em qualquer outro tempo, o pregador da religião cristã precisa atuar também como orientador dos homens tanto em matéria espiritual como também em outras fases da vida contemporânea. O pregador de hoje não pode ser mero expectador do que acontece no mundo, ou no campo do pensamento humano. Ele precisa perceber ou discernir o que acontece entre os homens e orientá-los em sua vida, oferecendo-lhes diretrizes e princípios básicos. Como representantes e intérprete do Cristianismo, o pregador e todo o crente enfim, precisa atuar como sentinela e orientador dos homens com referência ao seu futuro.

Para interpretar a cultura atual construtivamente quanto aos seus possíveis efeitos no dia de amanhã, não podemos depender do trabalho de terceiros, que são nossos antepassados; nem

podemos depender dos que são nossos contemporâneos. Os antepassados não podem modificar as diretrizes para o futuro. Os contemporâneos estão na mesma condição em que nós estamos, ou têm a mesma tarefa diante de si que nós temos. Como estudante da cultura contemporânea não podemos entrar no trabalho dos outros. Nós mesmos precisamos atuar como testemunhas oculares e pioneiros na interpretação dos fatos. Neste aspecto a nossa obra precisa ser original e não apenas uma interpretação da história, ou dos seus fatos passados. O que temos do passado para estudo são os efeitos de causas passadas. Esses efeitos, quanto seu significado permanente, ainda estão em processo de formação. O método para o nosso estudo, portanto, precisa ser dedutivo e indutivo. Dedutivo na interpretação dos efeitos atuais procedentes de causas já conhecidas; o indutivo para interpretarmos ou descobirmos as consequências de fatos ou experiências concretas no presente e que representam tendências ou princípios em operação. Para orientarmos as diretrizes com referência, precisamos perceber, através de casos particulares, os princípios que estão operando nos homens. Na interpretação das diretrizes contemporâneas, não podemos considerar os fatos ou acontecimentos apenas como casos particulares e isolados do seu contexto histórico ou em termos de causa ou efeito imediatos. Antes precisamos ver neles, indutivamente, a expressão ou operação de princípios universais. Para a interpretação da cultura contemporânea à luz do Cristianismo, precisamos conhecer tanto o Cristianismo no seu ideal como também os métodos ou princípios operantes na história.

O CRISTIANISMO COMO REALIDADE HISTÓRICA

O Cristianismo é uma realidade distinta na realidade da própria história. É base para a interpretação da história como um processo progressivo.

O que é o Cristianismo:

É Cristo no homem;

É a filiação do homem com Deus;

É conhecimento da atuação de Deus na história na base da sua revelação em Cristo.

É conhecimento da consumação de todas as coisas.

É religião de Redenção:

Redenção do homem como indivíduo, como ser espiritual e moral.

Redenção do homem como coletividade racional e ética.

Redenção metafísica do homem como ser relacionado com o universo físico.

Fonte da certeza da vida eterna.

Fator de progresso:

Distinção entre o progresso histórico do Cristianismo e o progresso da própria história.

Progresso como efeito da libertação do homem do pecado.

Desenvolvimento na compreensão da esfera material e espiritual.

Transição das limitações sociais para a liberdade de personalidade.

Desenvolvimento da nova vida.

Cristianismo como criador da história como processo progressivo.

A atuação de Deus no próprio Cristianismo.

Revelação suprema de Deus na encarnação de Cristo.

A crucificação e ressurreição de Jesus Cristo como sua glorificação e constituição como Senhor dos homens.

Estabelecimento da Igreja ou de relações éticas entre os homens através de Cristo.

Libertação do raciocínio dos homens através da atuação do Espírito Santo.

A atuação histórica dos cristãos no Cristianismo.

Submissão espontânea ou psicológica ao plano de Deus.
(Atos 2).

Propagação espontânea ou testemunho da experiência pessoal com Cristo.

Criação de instituições para a propagação do Cristianismo.

Empreendimentos culturais para fins redentivos, sociais e éticos (organizações).

Problemas e crises no Cristianismo Histórico.

Problemas de origens psicológicas na esfera de atuação humana.

Fraqueza revelada pelos cristãos na sua transição da esfera do sentimento para a esfera da voluntariedade.

Conflitos entre o individualismo e o coletivismo.

Conflitos entre as tendências para a cristalização e para a expansão.

Tendência para seguir, na expansão do Cristianismo, métodos humanos e não os métodos divinos.

Tendência da vontade humana para não se submeter à soberania de Deus.

Solução Cristã, em tese, para os Problemas e Crises na história e para o Tempo Atual.

A solução básica é a mesma para todos os tempos.

Para problemas no próprio Cristianismo – Fé em Jesus, dependência, obediência.

Para os problemas externos ou seculares. Obediência ao método seguido por Jesus na implantação do Cristianismo no mundo.

Apresentação, pelo testemunho pessoal, Jesus Cristo como fato da experiência (1º Coríntios 15).

Propagação racional da verdade de Cristo, na sociedade, através da Igreja.

Processo da solução caracterizado por conflitos e lutas.

Vitória Final do Cristianismo.

Vitória da atuação de Deus na base da sua revelação em Cristo, ou na salvação dos que creem ou na condenação dos que não creem.

Vitória da atuação de Cristo através dos cristãos, como indivíduos e como sua Igreja.

Libertação dos homens das limitações do universo físico. Ressurreição.

Vitória como fato na história e como consumação da própria História.

HISTÓRICO DO CONCEITO MODERNO DE HISTÓRIA

Reinhold Niebuhr, Faith and History II.

Conceitos de História na cultura ocidental. - A nossa cultura ocidental inclui três conceitos sobre a natureza da história. 1) Conceito do classicismo grego. Este identificava a história com o processo do universo físico. Procurava libertar a razão imutável do homem do mundo das mudanças. 2) O conceito bíblico, cristão. Este atribuía à existência do homem um caráter significativo e misterioso. Considerava a liberdade do homem pela qual este faz distinção entre a história e a natureza física, como sendo a origem do bem e do mal. 3) O conceito moderno. Este considera o desenvolvimento histórico do poder e da liberdade do homem como sendo o caminho para a solução de todos os problemas, e para emancipação do homem dos seus males. O significado destes conceitos de história e do progresso está muito inter-relacionado e precisam ser examinados separadamente para compreendermos a situação da cultura moderna.

O Problema da Liberdade do Homem – Todos os conceitos da história acima mencionados e outros procuram apresentar soluções para o problema criado pela natureza da liberdade do homem. Esta liberdade tem um caráter único. Embora esteja dentro do processo temporal, o homem é livre ou habilitado para transcendê-lo pelo seu discernimento conceitual, memória e determinação de vontade. O homem cria para si uma esfera

nova de coerência e de significados que não se identifica com o mundo natural de mudanças nem com a esfera do Ser Puro no qual o idealismo grego procura refugiar-se do mundo das mudanças. Assim o homem criou a esfera da história.

Pelo uso de sua liberdade, o homem não somente cria a esfera da história, mas também se desenvolve através da história, pois os processos desta estendem indeterminadamente o poder da liberdade do homem. Foi esta extensão dos poderes humanos que a cultura moderna reconheceu mais claramente do que o havia feito qualquer outra cultura interior. Ficou tão impressionada com esta descoberta que chegou a uma conclusão apressada e falsa do que os homens, pela extensão indeterminada de suas capacidades, pudessem modificar a sua própria situação. A cultura moderna chegou até a pensar que poderia libertar o homem da sua situação ambígua de ser a criatura e criador da história e o que faria dele o senhor de seu próprio destino histórico.

O Conceito da Vida Espiritual na Cultura Clássica Grega. – A cultura grega elaborada por Platão, Aristóteles e estoicos, representa uma versão racional e ocidental da vida espiritual não relacionada com a história. O misticismo oriental e não racionalizado representa esta mesma atitude geral para com a vida. Em todos estes conceitos o esforço é para separar o elemento divino e eterno, que existe na natureza humana, do mundo de mudanças e do fluxo temporal. O elemento divino e eterno, que há no homem, se revela na capacidade que este tem para reconhecimentos abstratos, pelos quais, quando libertados de paixões e dos sentimentos físicos, o homem se coloca na esfera não condicionada pelo tempo. Nesta esfera o homem, como ser livre, transforma os seus impulsos físicos e atribui aos mesmos um significado mais amplo do que aquele que eles têm no reino animal. Os instintos, por exemplo, deixam de ser meros impulsos e adquirem valores estéticos. Esta transformação obedece a um padrão constante: O instinto da liberdade e

necessidade que se apresenta na história com um caráter significativo e ao mesmo tempo obscuro ou de parcial compreensão. O aspecto não histórico da vida espiritual do homem enfatiza a liberdade como capacidade de ele se elevar acima do fluxo dos eventos temporais e de criar uma esfera nova de realidade que, embora baseada no fluxo temporal, não está totalmente dominada pela necessidade natural.

A Memória como aspecto e fator da liberdade do homem. Nem o misticismo oriental, nem o racionalismo clássico deu atenção ao significado ou à função da memória como aspecto da liberdade do homem. O misticismo, de um lado, entende que a liberdade do homem é o estado da sua consciência superior no fluxo temporal. O racionalismo, por outro lado, entende que a liberdade do homem está revelada na sua capacidade para conceitos abstratos pela qual eles descobrem padrões e estruturas imutáveis e sobre as quais se baseia o mundo de mudanças. Agostinho (354-430) foi o primeiro a definir a memória como aspecto da ideia cristã do homem como a “imagem de Deus”. Foi o primeiro a estabelecer na filosofia especulativa do ocidente, o conceito de história baseada na ideia bíblica do homem.

Em sua forma mais rudimentar, a história é a memória de eventos passados. A memória revela a capacidade do homem de transcender o fluxo do tempo embora ele mesmo esteja dentro dele. O tempo está no homem e o homem está no tempo. A história é a lembrança dos eventos passados. É uma dimensão da existência em que as realidades presentes são interpretadas na base da memória de eventos passados, sendo que as realidades presentes e passadas não procederam, necessariamente, de outros eventos anteriores a elas. A mistura confusa da liberdade com a necessidade, que se apresenta em cada evento histórico, só é entendida quando atos particulares e únicos, que constituem o fluxo dos eventos, são lembrados nos seus aspectos únicos. A memória de como as coisas chegou a

ser realidade presente, deixa a impressão de que os eventos presentes são apenas uma necessidade natural. A possibilidade de o homem viver pela sua memória do passado, liberta-o da tirania do presente. Se quiser, o homem pode escolher e mudar o rumo do seu futuro. A memória serve de orientadora para o homem de como ele pode usar a sua liberdade na história. O passado não está presente na memória, apenas como um fato. Está presente também como consequência de fatos passados. Nós, por exemplo, simplesmente não podemos mudar os efeitos agora presentes do que fizeram os nossos antepassados. Não podemos evitar as consequências do passado. Podemos, todavia, modificar os nossos próprios destinos para o futuro. A história, portanto, é ao mesmo tempo esfera de liberdade e de necessidade.

O Triunfo da Fé Cristã sobre o Classicismo. A vida espiritual cristã triunfou sobre o classicismo, ou sobre a cultura oriental pelo seguinte: dentro do conceito das limitações da esfera de repetição e da necessidade, a fé ou vida cristã não pode atuar criativamente diante de novas experiências que a história constantemente apresenta. Para Agostinho, por exemplo, a fé ou o Cristianismo reagiu e não caiu quando caiu o Império Romano. Pelo contrário, a fé reagiu contra e sobreviveu àquele evento histórico, no entanto, a fé também não pode formar uma interpretação da história baseada apenas na base da memória. Contrariou, assim, a filosofia clássica que procurava forçar ou condicionar o seu significado dentro dos moldes de repetições naturais.

A evidência da superioridade do Cristianismo surgiu de dois fatos: surgiu da sua compreensão da história como um todo; surgiu ainda do seu tratamento definitivo do problema do mal. Não o trata como os males fossem apenas casos particulares (Gn 1.29) ou coletivos na história humana. O Cristianismo trata da história no seu aspecto universal. Revela, na base dos eventos particulares, a ordem e o término transcendente do panorama

completo da história. O poder divino que governa na história possui também a graça e o amor para vencer o mal sem obscurecer as distinções reais existentes entre o bem e o mal. (Niebuhr, II, p. 287-301 *Nature and Destin of Man*).

O lugar da memória no conceito universal da história. A base mais óbvia para interpretação do que é uma história particular (story) é dizer que ele é simplesmente a identidade da pessoa que se lembra desta mesma história. Os indivíduos e as nações, no entanto, buscam significados mais profundos nas suas próprias experiências do que a mera repetição destas no tempo. Expressam este seu anseio por significados maiores atribuindo-os a heróis ou símbolos de sua história particular para que a representem na sua totalidade. Frequentemente o seu herói é o patriarca da nação ou o um vencedor de inimigos etc. Este herói pode ser um mito ou quase mito, mas em qualquer caso ele deve representar em si de modo completo o significado almejado. O herói não precisa pertencer, necessariamente, a infância da nação. As nações buscam na sua história também algo maior do que mera repetição de eventos temporais. Buscam, por exemplo, liberdade, ordem, progresso e outros valores. Na fé do Antigo Testamento, por exemplo, o Deus de Abraão apresenta-se como o Deus do Concerto, do Destino. Mesmo os eventos, por ele operados, simbolizam o panorama da história toda. Daí o significado universal do profetismo, da exaltação da própria nação Israelita, na sua religião que sobressai entre os outros cultos.

Isto leva-nos ao segundo problema da história: o problema do mal. Na fé bíblica, Deus nunca se apresenta como a extensão do poder de uma nação. Na realidade Deus se revela como extensão de algum valor de virtude humana. Mesmo o culto prestado a Deus revela a corrupção da vida humana e a necessidade de o próprio homem libertar-se do mal que nele mesmo existe e não de um mal que fosse apenas um fato da natureza física ou adversário externo. Os profetas do Antigo Testamento eram mais cômicos do pecado de Israel do que do

pecado de outros povos. Na fé bíblica o mal é interpretado como a corrupção universal da liberdade do homem desde Adão, o primeiro homem. A presença do mal na história levanta a questão se ela tem algum significado moral. Haverá na história, por exemplo, algum poder acima do poder humano? Haverá um amor capaz de interpretar a situação dos inocentes vítimas da crueldade de homens, como indivíduos e nações?

A fé cristã começa na base da declaração de que no evento histórico da vida, morte e ressurreição de Cristo verificou-se o significado completo da história, pois nele se resolvam todos os problemas. Diante disto, o significado de um novo particular é transcendido pelo significado da história toda. O Segundo Pacto entre Deus o seu povo, não foi apenas um pacto com um povo particular, mas com todos os povos. Este significado, porém, só pode ser apreendido pela fé e não constitui base para nenhuma filosofia da história que se baseie apenas na análise de ocorrências, consequências, estruturas e padrões da história. Antes é o próprio evento em si que se apresenta como fonte da “Sabedoria” e “Poder” de Deus.

A soberania divina no conceito da história – O conceito da soberania divina, embora não esteja imediatamente óbvia na história, estabelece uma perspectiva de significado, ainda que os fatos históricos ainda não estejam relacionados entre si em termos de necessidade natural ou lógica. A operação da liberdade de Deus na esfera da vida transcende a própria vida, e dá lugar à liberdade do homem.

A interpretação da história assume o aspecto de um drama e não de relações de necessidade cientificamente esboçadas. A chave para a compreensão do drama está na série completa dos seus fatores reveladores, ou “Das Grandezas de Deus”, culminando na morte e ressurreição do Cristo como o clímax da revelação.

A interpretação da história do ponto de vista da revelação leva-nos a uma compreensão completa do mal. O mal é uma força que existe na própria história e não é uma penetração da natureza física na história como se fosse uma necessidade. O drama da história inclui os conflitos particulares entre as forças boas e más. Em última análise, o drama consiste, pois, na luta de Deus contra todos os homens inclinados a desafiá-lo, pois tendem para fazer da sua própria vida o centro da história. Para pôr fim a este desafio dos homens à vontade divina, o poder de Deus revelado na própria estrutura da existência, leva à destruição, ou por eliminação ou por supressão, as formas de vida que se tornam finalidades em si.

Todo o período da história apresenta-se como fosse moralmente obscuro devido à aparente impunidade dos que exploram os fracos e desafiam a Deus. Esta rebelião dos homens contra Deus; todavia, é vencida na história pelo poder divino inclusive o do amor. “A palavra da Cruz” é a última palavra na interpretação da história que revela a graça junto com e acima da ira de Deus. A palavra Cruz revela que o próprio Deus toma sobre si o pecado dos homens. A história apresenta-se, assim como a esfera de possibilidades infinitas de renovação e restauração. O domínio do pecado na história não é absoluto. Mesmo os que estão salvos não são perfeitos ou completamente livres da rebelião contra Deus. Só o perdão divino pode solucionar de modo completo a situação problemática da história (2Tm 3.2-4a; Mt 24). A derrota para a oposição dos homens e a sua maldade não será derrota para a fé cristã.

Elementos do classicismo da cultura cristã – Depois que a fé cristã triunfou sobre o classicismo, a vida e a história foram, durante séculos, interpretados no mundo ocidental dentro desta perspectiva. Este triunfo, todavia, não se verificou sem que a fé cristã incorporasse a sua interpretação também alguns elementos do classicismo. A interpretação da história de Agostinho, na qual se baseou a teologia dogmática do

Cristianismo Medieval, por exemplo, isentou a igreja das ambiguidades e contradições da história de modo mais completo do que os profetas de Israel isentaram a sua nação. Daí penetrarem novos erros na interpretação da história.

Quando a Reforma rejeitou a idolatria da Igreja, ela mesma frequentemente enveredou-se para uma escatologia que, na sua interpretação da vida em termos de triunfo de Deus sobre o mal, foi enfatizada às custas dos significados imediatos e temporais que surgem da reconstrução da vida em qualquer momento da história e que revelam o amor e poder de Deus. O catolicismo estava inclinado a interpretar a história estaticamente e do ponto de vista do suposto triunfo sobre o mal na sua própria comunidade histórica. A Reforma interpretou a história dinamicamente, mas em termos negativos. Viveu na expectativa de um clímax final na história, mas foi menos apta do que o catolicismo para atribuir alguma significado às tarefas e realizações imediatas, julgamentos e renovações que verificam no drama.

Estas diferenças e dificuldades como casos particulares, porém, são de pouca validade para nós no momento. O que importa notar é que toda e qualquer interpretação cristã da história foi reduzida a uma insignificância aparente pelos movimentos da cultura moderna que começaram na Renascença e culminaram nos séculos XVII e XIX. Estes movimentos ostensivamente rejeitaram a fé cristã por causa da simplicidade dos seus símbolos que não corresponderam às realidades da natureza, ou história, descortinadas pelas ciências naturais e históricas. Não podemos compreender, porém, o problema espiritual da nossa época sem aprendermos a causa mais profunda que motivou o triunfo da cultura moderna sobre a fé cristã. Foi a introdução de uma nova e mais plausível versão da ideia clássica de uma simples inteligibilidade racional como se esta fosse a chave para a interpretação da história. Esta versão

moderna foi mais plausível pois se baseava numa nova apreciação do tempo e compreensão de que realmente existe um crescimento e desenvolvimento tanto na natureza como na história. Esta nova ideia do mundo em marcha, de crescimento e desenvolvimento, parecia resolver toda e qualquer perplexidade relacionada com a vida e parecia garantir a promessa da emancipação completa do mal.

O processo temporal deixou de ser considerado como mistério ou que exigisse interpretações tais como a de Aristóteles ou a ideia bíblica da criação. As ideias de causalidade natural e de duração tornaram-se proferidas como princípios de interpretação da vida e da história. As ocorrências históricas deixaram de ser consideradas como mistérios ou difíceis para serem inteligentemente interpretadas, pois foram tomadas na base de simples padrão de inteligibilidade. No meio da confusão do aparecimento e queda de impérios, civilizações e culturas, percebia-se a ideia de que a história era realmente a narrativa do crescimento do poder e da liberdade do homem. A oposição ambígua do homem de criatura e de criador de eventos históricos deixou de ser considerada como problema. O processo histórico parecia estar marchando para a emancipação do homem desta ambiguidade dando-lhe liberdade e poder para dominar seu próprio destino. A obscuridade causada pelo mal na história deixou de ser considerada problema porque a cultura moderna voltou para a ideia clássica de que o mal era uma intromissão de um “caos” natural nas finalidades da história. Diferentemente da cultura clássica, a cultura moderna descobriu possibilidades ilimitadas para o crescimento da razão. Interpretou, portanto, a história, como sendo a marcha para o triunfo final da ordem racional sobre o caos primitivo. A cultura moderna essencialmente é apenas uma versão atualizada da resposta clássica dada aos problemas da existência humana. Anaxágoras dissera: “No princípio tudo estava em confusão; veio à mente e pôs a ordem no meio do “caos”. A versão

moderna diz: No começo tudo é confusão; mas a mente cresce e progressivamente põe o caos em ordem.

Como já verificamos antes, os fatos da experiência contemporânea não condizem, porém com esta interpretação da história. Desejamos, portanto, apresentar a reexaminar a ideia cristã à luz da verdade que existe na descoberta moderna do crescimento e desenvolvimento na história. A nossa tarefa exige que a interpretação da história seja relacionada não somente com a cultura secular, cujas esperanças têm sido ilusórias, mas também com as duas interpretações discordantes, dadas pela própria fé cristã. Uma revestiu apenas a moderna fé secular com uma linguagem cristã tradicional; a outra procurou provar a sua própria veracidade negando que existisse desenvolvimento na natureza e história, que a cultura da ortodoxia moderna descortinou.

A ideia de salvação através do processo da história tem tido tão grande influência que uma parte da Igreja Cristã, a mais relacionada com a cultura moderna, praticamente capitulou diante deste conceito moderno de salvação e procurou salvar a relevância do Cristianismo dando a entender ser esta uma antecipação da ideia moderna de progresso. Sendo, porém, a ideia cristã da revelação histórica. Cristo foi interpretado como uma antecipação, símbolo, ou culminância da espiritualização da religião e da vida humana. Assim a interpretação exclusivamente cristã da relação entre o mistério divino e a vida humana ficou obscurecida. Foi rejeitada a ideia bíblica de que é a vaidade da imaginação da maldade do homem e não a pobreza de sua inteligência, a primeira separação entre Deus e o homem.

As versões modernas ou “progressistas” da fé cristã estavam particularmente embaraçadas pela tradicional doutrina bíblico-cristã do pecado. Esta doutrina diz que o mal na história veio da corrupção da liberdade do homem e não era um atraso da

natureza. Afirmar que a corrupção surgiu quando o homem não quis mais orientar-se dentro dos limites da sua existência de criatura. Esta interpretação do mal parecia, portanto, particularmente inconveniente para uma cultura que acreditava na realização do bem através do exercício ilimitado dos poderes humanos. A doutrina, porém, foi reestruturada para dizer exatamente o que a cultura moderna queria dizer. O teólogo liberal moderno interpreta, portanto, o mal assim: “Agora sabemos que os impulsos naturais do homem brotam do seu passado brutal e que a religião tem diante de si a imensa tarefa de fazer brotar ideais morais e espirituais que transcendem a tensão animal do sangue selvagem, herdada, talvez, do homem primitivo.

As formas da apologética moderna repudiaram o significado mais profundo e peculiar da fé cristã que discordava da ideia de salvação através do processo da história. Os apologistas preferiram o ensino da fé moderna ao invés da fé cristã. Buscam tão somente expor a história através de figuras e símbolos, conceitos e imagens tiradas das Escrituras Sagradas e forçadas a apresentar o mesmo plano de salvação em que o homem moderno já acreditava.

A descrição bíblica do homem e a sua resposta aos seus problemas realmente não são invalidados pela recente descoberta do desenvolvimento histórico como fato. A fé bíblica, pelo contrário, penetra de tal maneira as profundezas dos problemas da vida que revela o plano moderno de salvação ser apenas um dos esforços que os homens fazem para evitar a verdade incômoda de que são eles mesmos os autores da maioria dos males que sofrem.

Nós precisamos desafiar os erros de uma “ortodoxia” cristã atrofiada como também refutar os erros de um liberalismo cristão demasiadamente tolerante. A fé cristã é mais facilmente

tentada para um obscurantismo cultural do que a fé oriental, inconsciente da história. A tentação vem do fato de que os símbolos que possui para representar a realidade última, não descrevem a sua unidade eterna e livre de aspectos concretos e discordantes que pertencem à uma existência temporal, mas descrevem uma transfiguração da história. Uma geração de racionalistas ficaria descontente com a interpretação cristã de qualquer assunto, pois reconhece que a existência misteriosa do homem tem um significado potencial, mas não aplica este mesmo significado da vida àquela mesma existência. Isto não parece ser aceitável para uma cultura que equaciona a inteligibilidade racional com a realidade final. A interpretação cristã, porém, frequentemente coloca-se fora do alcance do homem moderno devido ao seu obscurantismo teológico que identifica o profundo e eterno significado dos símbolos do Cristianismo com a forma pré-científica em que são expressos.

Assim, a ideia da criação divina do mundo, a qual, quando entendida em toda a sua extensão, descreve os limites da racionalidade deste mundo, e a insuficiência da ideia de uma causa “natural” para interpretar esta mesma criação ou apresentação (givenness) sem uma explicação racional das coisas, torna-se frequentemente corrompida numa teoria de causalidade secundária que entra em conflito com a interpretação científica da causalidade no terreno natural.

Esta corrupção da religião em uma ciência má, tem trazido protestos por parte de uma geração científica. Isto concorreu também para que a ciência se tornasse em uma religião má que oferece a causalidade natural como se fosse um princípio suficiente para a interpretação da coerência final.

O liberalismo teológico corrompe também os símbolos escatológicos da fé cristã. Estes apresentam acertadamente o suprimento da vida não como negação, mas como

transfiguração da realidade histórica. Se estes símbolos são tomados como descrições de um fim particular no tempo, eles perdem o seu verdadeiro significado escatológico. Deixam de simbolizar tanto o fim como também o cumprimento do tempo; deixam de apontar para o limite e o significado do desenvolvimento histórico como também para o portador do significado da vida.

De igual modo qualquer evento simbólico e histórico, como a “queda” do homem, por exemplo, perde o seu significado real quando tomado apenas como fosse uma história literal. O mesmo simboliza uma corrupção inevitável da liberdade humana, embora não natural. Não deve ser considerado, portanto, como fosse apenas um evento específico através do qual o mal começasse na história, nem tão pouco deve ser tomado como símbolo da ideia moderna de que o mal fosse um atraso e limitação da natureza.

De modo semelhante, a afirmação da fé cristã de que a revelação divina culminou numa Pessoa particular e num drama da sua vida, no qual eventos particulares tornam-se revelações do significado da vida como um todo, se torna racionalizado falsamente de modo que o Jesus da história, que é conhecido pela fé como o Cristo, é interpretado como personalidade não humano ou natural com poderes de onisciência dentro das condições de limitação. Assim a verdade final sobre Deus e a sua relação com os homens, que só pode ser apropriada mediante o arrependimento e fé, torna-se apenas um “fato” na história.

Esses erros da ortodoxia liberal tendem a obscurecer inevitavelmente os verdadeiros problemas que existem entre o Cristianismo e a cultura moderna, como também levam o Cristianismo moderno a uma capitulação diante da mesma cultura moderna. A verdade cristã apresenta-se como fragmento

“datado” de narrativa religiosa que é aceito apenas pelos homens crédulos e facilmente rejeitado pelo homem moderno.

A teologia cristã precisa considerar os erros do seu obscurantismo cultural que permitiram confundir a questão entre Cristo e a religião e o que considera a própria história como fosse um processo redentor. Não obstante é o dever da Igreja Cristã focalizar o problema religioso mais básico para que o mundo, que está à margem do desespero, ouça novamente a mensagem do Evangelho e compreenda o seu poder salvador para o homem em qualquer situação histórica e mais particularmente na situação presente.

A verdade do evangelho não está nos falsos absolutos com que o fundamentalismo quer desafiar o fato indubitável do que tanto a natureza como a história humana estão em progresso. Mesmo assim há uma verdade no Evangelho sempre válida, que revela o estado permanente e que pode remir o homem da tendência constante de agravar o seu estado com falsos esforços para escapar do mesmo. Para declarar esta verdade com eficiência é preciso analisar mais cuidadosamente para descobrir como a esperança falsa de redenção através do processo histórico formam criadas pela evidência de que a natureza toda e a vida humana também como um todo estão sujeitas a um desenvolvimento histórico.

O CONCEITO MODERNO DE PROGRESSO

O conceito geral de progresso. Na sua forma mais elementar, o progresso significa uma série de mudanças que se verificam no ser ou nas suas atividades que o levam para uma determinada finalidade ou para um estado mais elevado do que o atual. Para compreendermos a história e as diretrizes da cultura e civilização, ou o seu progresso no tempo atual,

precisamos ter uma ideia básica do progresso e dos seus vários tipos ou aspectos e como estes se verificam na história. Embora não seja possível estabelecer distinções precisas entre os vários tipos de progresso, é preciso, todavia, perceber as características gerais de cada um.

O aspecto empírico do progresso. A transformação do homem como indivíduo e como coletividade é basicamente o efeito da expressão espontânea da sua própria natureza. É característica essencial da vida no homem como também nos outros seres vivos. Basta o ser vivo existir em um ambiente adequado para ele se desenvolver ou apresentar mudanças constantes em si. O próprio ser vivo cresce em si como indivíduo e cresce também na extensão de suas relações com outros seres da mesma espécie pela convivência com eles ou sob a sua influência mútua. Também o homem como indivíduo se associa e busca espontaneamente conviver com outros seres humanos para progredir juntamente com eles.

Em contato com a natureza física, o homem como indivíduo e como coletividade se distingue desta mesma natureza. Procura compreendê-la e exercer domínio sobre ela. Nisto se manifesta a individualidade básica do homem. Assim como todo ser vivo se apresenta como organismo, ou como unidade ou individualidade, assim também o homem se revela e atua como indivíduo. Esta sua atuação espontânea constitui nele a base para o seu progresso. Cada organismo como ser vivo e cada função neste mesmo organismo visa finalidades maiores do que a mera satisfação de suas próprias necessidades individuais. O indivíduo se transforma ou progride para finalidades que o transcendem. Estas necessidades e capacidades de se transformar criam no homem a iniciativa, otimismo e esforço que o levam a se transformar para suas próprias finalidades maiores.

Aspecto racional do progresso. – As experiências e o progresso apenas no plano empírico ou espontâneo, não satisfazem o homem. Este progresso só atinge o homem no seu físico. O homem faz distinção, porém, entre a sua experiência ou conhecimento da natureza e as finalidades desta, que transcendem a esfera empírica. A mente humana busca o conhecimento de causas e finalidades que transcendem a esfera empírica. O raciocínio do homem leva-o a distinguir-se da natureza, a atuar além da esfera física e a buscar relações e significados metafísicos da sua própria experiência empírica. Daí o aparecimento da filosofia na história e das atividades filosóficas fazendo separação na experiência empírica dos homens entre a esfera religiosa - empírica e a física e colocando o homem num plano metafísico ou acima do físico.

O aspecto religioso e moral do progresso. – Não é só a vida empírica que não satisfaz o homem. Também o seu progresso mental, que o leva para a metafísica, não o satisfaz. O exercício do seu raciocínio apenas na esfera de relações metafísicas não o satisfaz. A percepção de significados metafísicos da experiência empírica não abrange ou não interpreta plenamente a natureza do homem. O homem é, por exemplo, um ser gregário. Esta característica do homem, porém, não é apenas instintiva ou empírica como ela se verifica no animal. Para o homem não basta apenas associar-se com outros seres empiricamente. O caráter teleológico e transcendente que caracteriza o homem, leva-o a buscar relações e significados além da esfera racional ou mental. Embora o homem separasse no curso da história, a filosofia da religião empírica, o seu progresso na filosofia, que se verificou na história, não trouxe para o homem uma satisfação completa. Embora o homem se desprendesse do universo físico e da religião empírica e embora entrasse na esfera metafísica, o homem não achou satisfação no conhecimento metafísico do universo e de si mesmo. O mero conhecimento metafísico não satisfaz o homem, pois trata só de

possibilidades e não de finalidades. Para ser feliz, por exemplo, o homem precisa ser útil para alguma coisa e para alguém; precisa alcançar seus próprios objetivos teleológicos. Isto só é possível em relações sociais. Para isto não basta apenas conhecer e agregar-se como os outros apenas instintivamente. O homem precisa também transcender a sua própria metafísica nas suas relações sociais.

O aspecto espiritual e ético do progresso. – O progresso do homem como cultura em bases racionais e éticas, só se verifica quando ele mesmo como indivíduo torna-se uma personalidade ou quando deixa de ser apenas uma parte da coletividade e se destaca através dela. Embora o processo deste progresso seja subjetivo ou que se verifica no indivíduo, o mesmo depende de circunstâncias externas e sociais. O raciocínio e as relações éticas do indivíduo só se desenvolvem quando motivadas pela coletividade. O desenvolvimento como necessidade é pressionado sobre ele que o leva a se enquadrar na coletividade. Como ser pessoal e racional o homem é forçado a pensar e a se enquadrar conscientemente no seu meio social. A sociedade estabelece, assim, motivos em termos de necessidades para que o indivíduo atue como ser social, racional e ético.

A sociedade apresenta, porém, só necessidades, mas não oferece ao indivíduo nenhum ideal nem recurso para isto. Estes precisam vir e dependem, enfim, do próprio indivíduo para ele tornar-se personalidade e para exercer relações éticas na sociedade. Esta necessidade de atuar como personalidade não vem do homem apenas como ser racional, mas sim como ser religioso ou da sua consciência de Deus. Vem da atuação geral e particular de Deus; da atuação geral na sociedade da atuação particular no indivíduo. É na revelação geral e particular de Deus; na ideia de Deus, que o homem tem em si, que está a base do progresso cultural da sociedade. A consciência de Deus é um

laço da unidade social e a ideia de Deus é a base estrutural da sociedade.

Bases cristãs do conceito moderno de história. – O conceito de história que dominou o mundo ocidental durante séculos quase até os nossos dias, baseou-se no conceito apostólico. Os Pais da Igreja já possuíam um conceito de história oposto ao do mundo greco-romano. Orígenes, no começo do século III, por exemplo, escrevera que na base da razão não se pode estabelecer a ideia de que a história se repetisse ou de que a liberdade dos homens os levasse à repetição de atos passados. Também Agostinho, dois séculos depois, estava ainda combatendo a ideia de ser a história um círculo, uma fatalidade ou destino. Como corolário da doutrina da criação defendeu a ideia de que, pelo poder criativo de Deus, os eventos no tempo eram sempre novidade.

No livro “O Conceito da História”, o professor Collingwood diz que no conceito europeu da história, houve três grandes crises: 1ª – A criação da história como ciência, por Heródoto; 2ª - A segunda crise foi quando nos séculos IV e V a ideia da história foi reformada pela ideia cristã. Esta afirmativa que só Deus é eterno e que tudo o mais é criado por ele. A história não continuou a ser considerada apenas como um fluxo; 3ª - A terceira crise foi quando Herder e seus companheiros, a partir de 1784, redescobriram o conceito histórico da História.

A mudança mais notável, porém, que se verificou no período entre o tempo dos apóstolos e o de Agostinho foi o desaparecimento gradual da crença de que a redenção do mundo e da história Estevam perto do seu fim. Nesta mudança a Igreja foi identificada como o Reino de Deus. O milênio começou a ser interpretado como tendo tido o seu início na primeira vinda de Cristo. Agostinho dividiu a história em um número de períodos. A ideia de história no Cristianismo é complexa. A

história apresenta-se como um processo progressivo todo especial.

Teve um começo, tem um centro e terá o fim; o primeiro foi na criação do mundo e na queda do homem; e o segundo foi a vinda de Jesus Cristo que inaugurou uma nova era e esta terá o seu fim quando Deus julgará todas as coisas. Estamos, portanto no último período. Assim o conceito de história tem por base os fatos bíblicos. A religião bíblica é uma interpretação, por excelência, de curso dos eventos.

Bases cristãs para o conceito moderno de progresso. – O progresso da história difere da evolução natural. É uma atividade intencional para uma finalidade em vista e que envolve também uma cooperação intencional por parte dos homens. Só há progresso na história quando esta é compreendida como uma atividade única ou de um só agente, isto é, Deus. O progresso depende de os homens identificarem a sua vontade com a vontade de Deus. Este é um conceito cristão básico de progresso. Hoje em dia não há dúvidas de que a crença no progresso dos tempos modernos tem a sua origem na ideia bíblica de que a história está marchando para um alvo desejável. É preciso focalizar, pois, com mais precisão como a ideia cristã original oferece uma perspectiva otimista com referência, ao progresso da história no mundo.

O padrão bíblico para o progresso da história é universal e particular ao mesmo tempo. Visa o destino dos homens e das nações. No entanto, a chave deste movimento progressivo do mundo como um todo está relacionado com o destino de uma comunidade particular e com uma série de eventos também particulares. Na Bíblia, ou no Antigo Testamento, o destino do homem está relacionado com as promessas feitas a Israel como comunidade nacional. No Novo Testamento este destino do mundo está relacionado com os seguidores de Cristo em cuja vida estão cumpridas as promessas. O apóstolo João, por

exemplo, olhando para o passado, diz: “A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” e “Todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”.

A esperança cristã básica, da qual a ideia moderna de progresso procede, é uma esperança oriunda de um centro único da história e é só para aqueles que estão relacionados com este centro. A única causa de progresso, que se encontra no Cristianismo primitivo, é a encarnação progressiva do Espírito de Cristo nos homens. Está na vitória de Cristo sobre a morte e na vinda do Espírito Santo no Pentecostes. Dali surgiu uma nova vida para a humanidade toda que teve o seu início limitado à comunidade cristã. Esta vida precisa, porém, chegar ao seu alvo de um reino celestial através de dificuldades e lutas. Para o apóstolo Paulo este alvo ou a “nossa cidadania” está nos céus. Surge então a pergunta se no Cristianismo inicial existe alguma esperança que justifique a atual ideia moderna de progresso a se realizar neste período entre a inauguração e a consumação da era cristã ou no curso da história do mundo. Este é um problema que ocupa muita atenção nos tempos modernos.

No século XIX a ideia de Reino de Deus era preeminente no pensamento teológico. Como efeito disto surgiu a tendência ativista e progressista da época. O reino foi interpretado como ideal que Deus realiza nos homens e que ao mesmo tempo constitui uma tarefa para eles. O reino constitui assim uma ordem de coisas não só a ser estabelecida na consumação da história, mas também já é uma realidade presente. É uma realidade subjetiva já presente e também ainda a ser estabelecida na história.

A ideia de que Jesus entendesse o reino apenas em termos escatológicos ou para o fim da história, ensinada por Weiss e depois também por Schweitzer, embora inicialmente despertasse um grande interesse, não prevaleceu. Verificou-se que os cristãos primitivos pouco tiveram a dizer sobre o presente de uma sociedade terrena pelo fato de não terem tido voz ativa nos aspectos práticos da vida social do seu tempo.

Mesmo assim o Novo Testamento oferece bases para uma interpretação do cenário ou curso completo da história. Esta história é apresentada não só como cenário, através do qual os homens como indivíduos caminham e entram no mundo invisível que está sempre presente e paralelo à história.

O quadro dominante do mundo do Novo Testamento é que este é como um palco ao longo do qual marcham os homens esperando a plenitude da glória que os aguarda no fim, não só como a glória só para indivíduos, mas para a história terrena toda quando finalmente o palco da história dará lugar a um “novo céu e uma nova terra”.

No panorama da história no Novo Testamento existem realmente dois elementos distintos. Um é o aspecto cósmico da esperança cristã; e outro é a ideia da vitória já alcançada e do poder do Espírito que está ao nosso dispor. A ideia cósmica da salvação em Cristo dominou o pensamento dos cristãos no período patrístico. No período Medieval, porém, foi o destino do indivíduo na hora de sua morte e não a ideia da restauração de todas as coisas na segunda vinda de Cristo, que ocupou um lugar central no pensamento relativo à escatologia. Uma escatologia predominantemente individualista tomou o lugar da escatologia cósmica que se encontra na Bíblia. A importância metafísica do tempo relaciona-se menos com o progresso dos eventos do que com a chegada do indivíduo ao seu alvo no céu.

É exatamente neste ponto, que tem sido denominado “escatologia realizada”, que está centralizada a maior atenção no estudo contemporâneo do Novo Testamento. É exatamente o contrário da ideia de uma escatologia apenas futurista atribuída a Jesus por Weiss, Schweitzer e outros. O Reino de Deus, porém, não é algo ainda para vir; é uma realidade que já veio com Jesus Cristo. O “escaton” como era vindoura, já entrou na história. O Evangelho do Cristianismo primitivo é o de uma escatologia já realizada. No Novo Testamento o Reino de Deus (seja qual for que tenha sido o seu significado no Antigo Testamento) não se identifica com um alvo apenas remoto da

história. Nele não há nenhum elemento escatológico que não esteja incluído na “escatologia realizada” do Evangelho, exceto o elemento de uma simples finalidade. Assim a segunda vinda de Cristo aparece ao lado da afirmação de que a sua primeira vinda para a história satisfaz plenamente as condições de evento escatológico, exceto o de uma finalidade absoluta. O Novo Testamento realmente coloca o processo histórico entre a criação do mundo como seu começo e o juízo final, e a segunda vinda como conclusão e a solução final do grande conflito. O juízo final representa um corte transversal no fluxo do tempo que nele revela o triunfo do propósito divino. Este propósito, porém, já é um fato realmente consumado no evento histórico da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esta interpretação, porém, ainda pouco encorajamento oferece para uma esperança de progresso no período da história terrena.

Certamente esta interpretação faz justiça à ideia de vitória que domina o pensamento no Novo Testamento. Não deixa margem, porém, para a esperança quanto ao futuro que também é claro no Novo Testamento. O Dr. Culmann diz que não pode dizer que o Cristianismo primitivo estivesse focalizando o futuro escatologicamente assim como o Judaísmo o fez. Apresenta, no entanto, uma consumação final com uma intensidade aumentada. A segunda vinda de Cristo ocupa um lugar de destaque no Novo Testamento, mas não uma posição central. No Apocalipse do Cristianismo o problema está precisamente em determinar se é o Cristo crucificado e ressurreto ou se é o Cristo que está para vir o que constitui o centro da história. As mais antigas confissões cristãs não dizem que Jesus voltará um dia para julgar os vivos e os mortos, mas dizem que Ele já reina como Senhor. A batalha decisiva de uma guerra pode ocorrer relativamente como na campanha e a guerra pode ainda continuar por muito tempo. Assim o Cristianismo mantém sempre em balanço, se não em equilíbrio, uma escatologia já realizada e futurista. A negligência desta última ou fecha os olhos para a continuação da luta ou abriga as ilusões

do seu desaparecimento do cenário da história. A negligência da primeira representa a não compreensão do caráter especial da promessa das oportunidades da pregação do Evangelho da Graça.

Pergunta-se agora: Qual é o padrão para a atuação neste tempo da graça? As confissões dos crentes primitivos no Novo Testamento enfatizam estas duas afirmações: “Jesus é o Senhor” e “Jesus Cristo é o Filho de Deus”. Isto significa que, depois de vencer as forças do mal na sua morte e ressurreição, Cristo reina como Rei. Significa que uma nova era se estabeleceu no mundo. As forças do mal foram derrotadas por Jesus e Ele foi exaltado à destra de Deus onde exerce o poder como Filho de Deus. Exerce o seu domínio não somente sobre a humanidade, mas também sobre as potestades invisíveis no céu, na terra e debaixo da terra, potestades estas que até então tinham governado o mundo.

Para o Dr. Cullmann, o Novo Testamento apresenta esta nova era estabelecida como Reino de Cristo. Este Reino continuará até o fim da história quando esta dará lugar ao Reino de Deus que aparecerá em pleno poder e glória. O período do Reino de Deus coincide assim com a história ou a vida da Igreja Cristã como a encarnação terrena de Cristo. Isso mostra a importância que o Novo Testamento atribui ao presente ou ao tempo da graça no plano da história sagrada como um todo, ênfase esta que começou a ser negada no segundo século, quando Irineu estava pensando apenas em termos futuristas.

O Novo Testamento dá muita atenção à transformação do indivíduo e à vida coletiva criada por Cristo do que isto se verificou no tempo patrístico e medieval. Resta perguntar agora, para nossos fins de pesquisa do progresso, se esta transformação se apresenta como um processo progressivo, terá este tempo da graça ou da história do Cristianismo algum padrão subjetivo e progressivo, ou será este apenas um período qualitativamente estático dentro do movimento da salvação? Certamente é um período vitalizado pela esperança. Esta esperança apresenta, não somente uma diretriz através do curso da história terrena para

um estado abençoado. Apresenta também com ênfase uma direção ao longo deste curso para uma consumação da história toda depois que esta tiver chegado ao seu fim. Mas haverá dentro deste período alguma motivação para progresso antes de chegar ao fim?

Para responder esta pergunta precisamos verificar o que diz o Novo Testamento sobre oportunidades, responsabilidades e perspectivas da missão dos crentes. A perspectiva dos cristãos primitivos é determinada pela sua obra missionária. Aqui está o verdadeiro significado ou a interpretação divina do intervalo entre a batalha decisiva e o dia da vitória. Antes de chegar ao fim, as boas novas precisam ser anunciadas a todas as nações. Certamente nas épocas posteriores ao Novo Testamento, os cristãos não fizeram justiça à grandeza e às promessas do progresso triunfal do Cristo. A crença moderna no progresso, por mais afastada que esteja do panorama cristão ao qual deve a sua própria inspiração original e em virtude de cujo afastamento tem sido vítima de excessos desordenados pelos quais agora estamos pagando o preço, precisa ser reconhecida ter concorrido em grande parte para despertar a nossa atenção para este elemento da nossa herança cristã. A expansão das missões modernas é a expressão da esperança de um futuro terreno melhor. A crença moderna no progresso neste mundo, apesar de ser deficiente, está mais de acordo com o Novo Testamento o que a escatologia ainda em grande parte contemporânea e que se contenta com o ensino sobre a imortalidade da alma e que negligencia o ensino sobre a consumação da história.

A fé cristã oferece-nos uma esperança segura quanto à futura marcha da história do mundo. É a esperança que muito pouco tem sido apresentada na tradição cristã, mas para a qual agora se dirige a nossa atenção. Precisamos nos compenetrar de que estamos no limiar de uma nova economia e empreendimento pela renovação da humanidade de que podemos ter a certeza e de cuja vitória final o ensino no Novo Testamento está repleto. Devemos admitir, todavia, que o

aparecimento de uma versão secularizada da esperança cristã e que precisa ser refutada tem sido o motivo da aparente derrota que tem caracterizado o pensamento tradicional dos cristãos. Para reagirmos contra a tendência modernista, precisamos voltar ao Cristianismo primitivo, precisamos enfatizar A obra missionária; precisamos enfatizar que, na providência de Deus uma nova era de restauração raiou na história da humanidade. O advento de Cristo foi um novo marco na história que trouxe um caráter diferente à cultura ocidental moderna.

Os líderes do progresso moderno são filhos da cultura ocidental. Não é surpresa, pois, que professem a esperança de uma renovação do mundo. São missionários na sua própria esfera, e anunciam princípios de conduta cristã. Procuram fazê-lo, no entanto, apenas, intelectualmente e não dentro do padrão do Cristianismo original. Procuram seguir um padrão cósmico propriamente seu, cuja eficiência temos posto em dúvida. A agressividade das missões cristãs sobre as outras culturas se justifica quando interpretam e propagam o significado completo do Evangelho do Cristianismo não somente como salvação individual, ou como uma promessa de uma salvação apocalíptica depois da morte ou depois do fim do mundo, mas também quando apresentam a mensagem de uma restauração presente e progressiva da vida coletiva e social em todos os seus setores. A obra missionária assim compreendida pode ser apresentada corajosamente aos progressistas de nossos dias. Os apóstolos de Cristo têm muito a dizer sobre o comportamento adequado das pequenas comunidades cristãs e sobre a atitude que os cristãos devem ter para com as autoridades de uma sociedade pagã. Hoje, porém, havendo maior número de cristãos no mundo, a cristianização da sociedade na sua vida completa deve prosseguir com uma intensidade crescente.

Durante quinze séculos o Cristianismo exerceu a sua influência sobre a cultura geral pela propagação do Evangelho. O progresso moderno nas ciências empíricas têm sido um resultado da propagação do Cristianismo apesar de a Igreja ter

tido dificuldades em reconhecer este progresso. Dificuldades estas têm vindo tanto por parte dos cientistas como também da igreja por não compreender o Evangelho a ela confiado. As ciências modernas tornaram-se possíveis quando a ideia pagã, de que o homem está sujeito a uma natureza controlada por forças demoníacas, foi substituída pela ideia cristã de que estas mesmas forças já estão decisivamente controladas. A maior contribuição do Cristianismo, embora não completamente reconhecida pelos próprios cristãos, está na libertação do homem da sua natureza inferior e do poder dos demônios. A mecanização da vida material é apenas uma consequência secundária disto.

Em face do estado atual da civilização cristã assim chamada, devemos reconhecer a vagarosidade e a deficiência em promovermos o progresso no caminho que está aberto diante de nós. Precisamos orar e buscar uma visão maior do mundo no qual Cristo reina como Rei e prosseguir com uma esperança aumentada na tarefa que está diante de nós. Demos procurar harmonizar os mal-entendidos entre o pensamento religioso e o científico. A divisão nem sempre está entre cientistas e cristãos, mas quase sempre está na mente dos próprios cristãos e que só pode ser vencida pelo estudo de uma filosofia cristã. O progresso que devemos esperar não é necessariamente o de um caráter cristão mais consagrado do que tem sido o caráter dos cristãos das gerações passadas, mas sim o de cada indivíduo tornar-se em si um novo começo ao invés de atuar apenas como portador da herança das gerações passadas para a presente. O progresso da humanidade realmente precisa de uma cristianização gradual das nações e de uma aproximação moral entre as mesmas no seu convívio social. Para isto cada indivíduo, como ser livre, deve tornar-se uma personalidade em si e como um novo começo na história do progresso moral.

O objetivo a ser desejado na promoção do progresso não é tão somente a formação de melhores homens, mas deve ser o de uma melhor compreensão das tarefas às quais devem dedicar-se.

O ideal não é tão somente o homem tornar-se bom em si, mas o de ser também bom para os outros, ou mais abnegado e mais útil para o benefício da humanidade ou, melhor, da sociedade. É o ideal que até alguns filósofos pagãos têm reconhecido e ensinado, mas sem revelar empenho e eficiência para a realização do mesmo. A maior dificuldade na crença moderna do progresso é reconhecer que este mesmo progresso só vem e só pode vir como fruto do Cristianismo. Na pregação da cultura é preciso reconhecer que esta tem dois aspectos distintos: o técnico e o espiritual. Sua finalidade principal deve ser satisfazer primeiro as necessidades espirituais da sociedade e não só as do corpo. Isto não pode vir de outras fontes a não ser do Cristianismo como religião histórica.

O DESENVOLVIMENTO DA VIDA MATERIAL DO HOMEM

Introdução –

O interesse no progresso material do homem é relativamente recente na história da cultura. O assunto precisa ser estudado do ponto de vista do Cristianismo, para podermos interpretar adequadamente a sua natureza e também para podermos tornar mais eficiente, ou mais adequada a propagação do Cristianismo no tempo atual.

O aspecto material ou econômico da vida humana ainda tem sido pouco estudado à luz do Cristianismo para as finalidades de sua orientação adequada. Neste estudo serão apenas abordados muito ligeiramente os seguintes tópicos:

O desenvolvimento Material como fato. – Este é muitíssimo evidente embora ainda tenham sido pouco estudados os seus princípios básicos:

O progresso material do homem pode ser definido como o desenvolvimento deste mesmo homem no seu domínio sobre o universo físico e no uso dos recursos que nele se encontram.

O progresso pode ser definido como o desenvolvimento do homem em si, ou de suas capacidades técnicas e racionais, demonstradas no uso e na interpretação do universo material. Na esfera da tecnologia o homem transcende a natureza física e pelo seu uso do raciocínio abstrato na ciência, ele penetra na esfera da metafísica.

O progresso material representa ainda o progresso do homem como coletividade, ou da sua vida econômica, social e política. Este progresso tem intensificado as relações entre os homens; tem aumentado a sua interdependência e tem criado problemas para a sua vida coletiva.

No progresso material do homem que está representado, pois, o desenvolvimento do próprio homem em conhecimentos abstratos e na aplicação espiritual, racional e moral. Cristianismo, vindo ao mundo, alumia todo homem, embora só torne em filhos de Deus aqueles que nele creem.

Motivação do progresso material.

O progresso material teve a sua motivação na descoberta feita pelo homem de que o universo físico é a esfera de atuação do próprio homem e não das forças do maligno.

O progresso material é resultado do raciocínio do homem libertado e iluminado pelo Cristianismo, e da sua descoberta de que tem liberdade e capacidade para progredir nas suas relações materiais. Laconte disse que a ideia da necessidade de esforço por parte do homem vem da religião cristã. Pela vinda da religião cristã o homem foi despertado de que ele mesmo precisa e pode conquistar os recursos materiais para as suas necessidades e bem-estar.

Uma outra motivação do progresso está no desejo que o homem tem de solucionar seus próprios problemas, pelo seu raciocínio e uso de recursos materiais. O homem procura solucionar seus problemas com recursos vindos do próprio terreno de onde esses problemas surgiram.

As origens dos problemas criados pelo progresso material na vida. Na interpretação da história da cultura e problema que surge é: como pode o progresso material trazer tantas dificuldades? Em resumo, a resposta é simples: a tecnologia é neutra: pode ser usada para o bem ou para o mal. Também os recursos materiais são neutros; podem ser usados para a fabricação de ferramentas ou de armas, por exemplo. O uso dos recursos depende do próprio homem. Os problemas não vêm das coisas materiais, mas do homem.

Os problemas relacionados com o progresso material são consequências do desequilíbrio que tem havido entre o desenvolvimento da conquista dos recursos materiais e a sua utilização adequada. Vêm do desequilíbrio entre o desenvolvimento físico e mental do homem e o seu desenvolvimento espiritual e moral. O progresso do homem não se apresenta com um equilíbrio harmônico.

O homem põe ênfase na produção e consumo de riquezas como se estas fossem finalidades em si. Visa também em primeiro lugar interesses particulares ao invés de buscar o bem-estar coletivo. O homem tem desenvolvido técnicas, mas sem necessariamente visar o bem de todos.

Quando interesses particulares predominam no indivíduo, ele é levado a buscar o controle ou domínio sobre a produção de riquezas, a vida econômica, social e política. Como consequência, surgem classes sociais e lutas entre elas em torno de interesses materiais. O homem torna-se secularizado quando, ao lado da tecnologia, devia cultivar a arte e interesses humanos. Numa sociedade sem técnicas, o totalitarismo seria impossível.

Os problemas da vida material surgem da falta de harmonia entre o desenvolvimento racional do homem e a realização das suas próprias finalidades sociais como personalidade. A técnica só existe e atua quando o próprio homem por sua vontade faz uso dela. Por um lado, a técnica traz domínio, por outro lado ela traz miséria. Seu domínio é o da quantidade sobre a qualidade; é

ao aumento no balanço do poder impessoal. O problema da técnica está na sua tendência para o suicídio universal.

A solução cristã para o problema. Em resumo, a tarefa do Cristianismo é mostrar ao homem que as finalidades da própria vida precisam ser colocadas acima dos seus meios.

A solução cristã é mostrar a inutilidade para o homem ganhar o mundo inteiro se ele mesmo perde ou não alcança suas próprias finalidades.

O Cristianismo mostra ao homem a necessidade de colocar cada coisa ou interesse de vida no seu devido lugar ou de acordo com o seu próprio valor. O Cristianismo interpreta as finalidades do mundo material ou dos seus recursos.

O Cristianismo focaliza o valor relativo ou mesmo a insignificância da tecnologia, ciência e da inteligência do homem caso ele mesmo desconheça a si mesmo e a sua própria finalidade.

O século passado presenciou o auge da confiança e do entusiasmo do homem na tecnologia.

O século presente presenciou o fracasso desta mesma tecnologia, pois não solucionou os problemas da vida humana.

A solução cristã para os problemas da vida material está em mostrar que o próprio homem precisa salvar-se primeiro espiritualmente para depois poder atuar devidamente no universo físico e na sociedade, dentro do plano estabelecido por Deus.

A solução cristã está em levar o próprio homem, através da ciência e do raciocínio ao conhecimento de Deus como Criador de todas as coisas e não somente ao conhecimento das coisas por ele criadas.

A solução cristã para o problema está, enfim, em levar o homem a buscar relações espirituais com Deus e o seu reino, e não somente as coisas materiais como se fosse esta a única imagem de Deus, da sua divindade e poder. Está em levar o homem a buscar o conhecimento de si mesmo como portador da

imagem espiritual de Deus, não condicionado pelo tempo e matéria. Os problemas da vida material só podem ter a sua solução no estabelecimento de relações de harmonia do homem com Deus.

CORRUPÇÃO, MORAL E ÉTICA.

A corrupção como fasto objetivo. –

Será que no tempo atual realmente existe uma corrupção crescente na vida moral e ética? Não estarão apenas as exigências do padrão moral e ético de hoje se tornando maiores, deixando a impressão de que os males de conduta estivessem aumentando? Em outras palavras; será o homem de hoje, como indivíduo e como coletividade, pior do que o homem do passado?

A resposta às perguntas acima só pode ser: os males morais e éticos do homem têm aumentado paralelamente com o seu progresso material. O desenvolvimento da técnica e da ciência têm aumentado a maldade e os problemas do homem, sem oferecer, no entanto, ajuda para solucionar os problemas. Os próprios cientistas reconhecem este fato e temem as consequências da sua ciência.

Tratando-se de problemas morais e éticos, trata-se das relações do homem para consigo mesmo e para com os outros. Estamos aqui no terreno da personalidade e de relações pessoais e não de coisas materiais. Estas não possuem qualidades morais e éticas.

Alguns exemplos de males morais e éticos dos tempos modernos: (1) Na vida política: conflitos ou lutas entre raças, nações, ideologias etc. (2) Na vida social: lutas entre o indivíduo e o Estado, entre classes sociais criadas em torno de interesses econômicos etc. (3) Na vida do lar: o enfraquecimento e desintegração da família, da autoridade dos pais, de relações matrimoniais, divórcio, delinquência de

adolescentes etc. (4) Na vida individual: vícios, crimes, imoralidades, debilidade mental etc. O problema é o da “sobrevivência humana” de E. Fromm.

Bases para o estudo das causas e dos aspectos da corrupção moral e ética.

Para julgar a situação de hoje do ponto de vista do Cristianismo, é preciso focalizar primeiro os princípios da moral e ética cristã para as diferentes fases da vida humana, par servirem de pontos de referência ou de aferidores.

Os pontos de vista ou de referência cristãos são os princípios revelados na Palavra de Deus. A interpretação de qualquer assunto ou problema religioso, científico, filosófico, cultural ou outro do ponto de vista ou na base do Cristianismo deve basear-se na revelação de Deus e não apenas na base da necessidade filosófica ou racional.

Para compreendermos as tendências do tempo atual para a corrupção moral e ética, precisamos focalizar a situação do próprio homem, o processo de formação, estrutura de sua personalidade, suas relações com a sociedade e sua relação espiritual com Deus. Também é preciso focalizar o padrão ideal estabelecido por Deus para ser observado pelo homem nas suas relações pessoais e seu uso dos recursos que encontra no universo físico, o que deve ser feito para os devidos fins e em cooperação com o próprio Deus.

Para se compreender a corrupção moral e ética do homem é preciso focalizar a relação que existe e que deve existir e ser observada pelo indivíduo para com outros indivíduos na base do que eles são em si mesmos e em suas relações para com Deus.

Bases cristãs para a solução do problema da corrupção.

A solução só pode vir na base e como consequência da observação dos princípios estabelecidos na Palavra de Deus para vida moral e ética do homem.

A solução também só pode vir pelo método estabelecido por Deus para as relações ou funcionamento da vida humana. A solução precisa vir do próprio homem, da sua transformação como personalidade. Para isto o indivíduo precisa cooperar voluntariamente com Deus e levar a solução a efeito em cooperação com outros indivíduos. A solução precisa ser individual e coletiva. Ver Truebolld “El Dilema del Hombre Moderno”.

A solução cristã para os problemas morais e éticos precisa ser essencialmente espiritual, ou religiosa, baseada nas relações do homem com Deus. A solução não pode ser estabelecida por nenhuma autoridade externa, nem com recursos materiais ou científicos.

A solução depende, enfim, de uma fé suficiente ou adequada por parte do próprio homem como indivíduo, corroborada pela fé coletiva ou dos outros indivíduos. A solução cristã, além de ser individual ou moral, precisa ser coletiva ou ética.

O INTERESSE MODERNO PELA FILOSOFIA

(Canabrava)

Um fato muito significativo para a interpretação cristã da cultura ou do pensamento moderno é o crescente interesse pela Filosofia como a “Filosofia Científica”, ou neopositivismo. Este interesse não é, necessariamente, uma volta à metafísica, mas à Filosofia como ciência. Por um lado, a Filosofia visa transcender as ciências como sistemas; visa julgá-los objetivamente e relacioná-los em uma unidade coerente. Por outro lado, a filosofia está deixando de ser simplesmente natural ou especulativa, dependendo da imaginação e hipótese, para atuar na base do raciocínio objetivo ou no ambiente da ciência. A filosofia, depois de ter concorrido na sua evolução histórica,

para a criação das ciências, ela mesma agora tende tornar-se ciência ou a ciência das ciências.

A Filosofia está se tornando cada vez mais crítica do que especulativa. Dá mais atenção ao processo do que ao objeto do conhecimento. A principal finalidade da Filosofia Moderna não é tanto a interpretação do mundo objetivo, como o era anteriormente, mas sim a interpretação do mundo subjetivo ou do próprio processo do conhecimento, da certeza deste e não para o mundo objetivo que este tem diante de si. Sua principal finalidade é aperfeiçoar o próprio processo do conhecimento. A razão disto é para capacitar as ciências como tais a prosseguirem no seu próprio desenvolvimento. Assim a Filosofia, forçada pela necessidade das ciências, volta-se para o próprio conhecedor ou para a atuação deste como ser pensante.

A Filosofia Moderna visa, pois, relacionar ou unificar os conhecimentos científicos, ou racionais, ou positivos, na base dos seus próprios métodos, visando alcançar o conhecimento ontológico, ou das coisas ou do ser em si, como objeto da ciência. Esta tendência conduz para o conceito de personalidade e suas relações éticas. Embora a ciência seja impessoal em si ou objetiva, ela não pode prosseguir a se desenvolver num ambiente meramente impessoal. A personalidade do próprio cientista precisa tornar-se o centro da ciência para esta poder prosseguir no seu desenvolvimento. Sendo essencialmente pessoal, a Filosofia hoje se volta para a ciência para torna-la também pessoal por sua necessidade essencial e para poder prosseguir no seu desenvolvimento.

Para compreendermos o interesse do homem moderno pela Filosofia ou pela natureza do conhecimento, torna-se necessário estabelecer distinções entre a Filosofia natural ou especulativa e a Filosofia científica como conhecimento objetivo ou positivo. Torna-se necessário também focalizar o lugar e a natureza da tecnologia como tipo distinto de conhecimento, entre a Filosofia e a Ciência. Enquanto esta se baseia na imaginação e hipótese, a tecnologia é essencialmente empírica e psicológica e não se

baseia, necessariamente, nem depende do conhecimento científico.

A Filosofia moderna ou científica procura interpretar a natureza do conhecimento em si. Procura focalizar, por exemplo, a distinção entre o conhecimento como atividade racional e conhecimento como participação e convívio ou intercâmbio pessoal. Faz distinções também entre os estados subjetivos do conhecedor que não podem ser analisados racionalmente. A Filosofia procura distinguir entre o conhecimento e intuição. Mostra, por exemplo, que o homem a rigor não tem o conhecimento, mas tem a intuição do bem e do mal; de que valores estéticos e culturais não podem ser compreendidos na base de uma metafísica mecânica. Para a Filosofia moderna o conhecimento, em última análise, não depende de processos mecânicos, mas sim do bom senso. A própria matemática já deixou de ser considerada como ciência exata e capaz de provar a sua própria consistência. Para a Filosofia científica realmente não existem distinções entre juízos analíticos e sintéticos. O conceito de necessidade na matemática, por exemplo, é relativo. A filosofias hoje admite que não dispõe de critérios para axiomatização das ciências biológicas e sociais. Além de pôr à prova a precisão matemática, a Filosofia hoje põe à prova também a precisão da linguagem. Procura aperfeiçoá-la para servir de veículo mais preciso, principalmente, para a formação de juízos indutivos. Assim o progresso da Filosofia afasta-se ou transcende a lógica e a ciência como processos objetivos e tende para o senso comum como processo mais aceitável em assuntos que escapam ao critério científico e cuja solução independe da reflexão crítica.

O maior desenvolvimento da Filosofia moderna, entretanto, verifica-se no campo da Lógica. A Filosofia Científica, interessada particularmente no método e natureza do conhecimento, trouxe um grande impulso no estudo da lógica como a ciência do pensamento. A elaboração da lógica

simbólica, por exemplo, é a característica essencial da Filosofia Científica. A lógica aristotélica constitui apenas um capítulo da lógica moderna. O que Aristóteles estabeleceu foi apenas a forma da ingerência como distinta do seu conteúdo. Baseou-se nos conceitos de classes, identidade e de contradição que certamente continuam válidos. Estes princípios, porém, de modo algum são suficientes para o pensamento lógico e científico de hoje. Além de classes, existe também, por exemplo, o conceito de relações. Inferências sobre relações não podem ser expressas numa lógica só de classes. Aristóteles certamente conhecia o conceito de relações, mas, por qualquer motivo, não chegou a elaborar nenhuma exposição das mesmas. Esta lacuna, de algum modo, está sendo preenchida pela lógica moderna. Esta procura também estudar os problemas de linguagem ou as antinomias que apresenta e cuja solução está fora dos limites da lógica tradicional.

O INTERESSE RELIGIOSO DO HOMEM MODERNO

Hoje em dia fala-se muito na irreligiosidade como característica da presente época. O homem moderno geralmente é considerado como irreligioso ou, ao menos, como indiferente para com a religião. Tal juízo, no entanto, vem de uma observação superficial e falta de discernimento das tendências e movimentos modernos.

Para compreendermos a atitude do homem moderno quanto à religião é preciso distinguir entre a religião como sentimento natural no homem e as expressões deste mesmo sentimento como sejam: interpretações doutrinárias, ritos, tradições etc.

Abordamos aqui neste estudo a religião apenas como sentimento e causa das formas visíveis ou dos aspectos práticos das religiões, inclusive do Cristianismo. Abordaremos aqui a religião e não as religiões.

Quanto ao sentimento, o homem moderno apresenta-se muito religioso e, talvez, mais do que o homem do passado. A sua religiosidade, no entanto, não se manifesta apenas como sentimento, mas também como um interesse racional e voluntário. É o homem todo em si que se manifesta religioso. Para evidenciar esta afirmação é preciso examinar os aspectos práticos, históricos e psicológicos da vida humana.

Semelhanças entre as manifestações religiosas do homem do passado e as do moderno. Para compreendermos a cultura do homem moderno precisamos compará-la com a do passado.

Na história da Filosofia ou da cultura clássica, por exemplo, quando a Filosofia e a Ética fracassaram na sua tentativa de solucionar os problemas da vida humana, veio o período denominado “religioso” como consequência desse fracasso da inteligência e vontade do homem.

Também quando caiu o poder político de Roma, o homem medieval recorreu à religião cristã como sistema tradicional. Depois da queda de Roma, o homem abrigou-se à sombra da Igreja como sistema religioso. O que preservou a cultura durante a Idade Média foi a religião como a única força organizada numa época acéfala.

De modo semelhante também hoje, diante dos problemas criados pela tecnologia e o progresso material moderno e diante do fracasso da ciência para resolvê-los, o homem, embora descrente nas formas externas da religião, espera, no entanto, desta mesma religião salvação para si. Esta religiosidade manifesta-se relacionada com todas as esferas e atividades da vida humana e não como um aspecto separado.

O interesse filosófico pela religião. Há história, embora a Filosofia se separasse da religião empírica para atuar separadamente dela e, embora a Filosofia se separasse também da Igreja Católica na Renascença; hoje em dia há um interesse em interpretar a religião filosoficamente. O aparente não interesse na religião nos tempos modernos, refere-se tão

somente às suas formas externas, geralmente separada da vida prática e não à religião propriamente dita.

O interesse de hoje na religião está em interpretar o seu significado racionalmente não como manifestação separada, mas como realidade relacionada com todas as esferas da vida humana. O estudo filosófico da religião é relativamente recente e é uma expressão do interesse crescente na religião.

O interesse na religião do homem de hoje, no entanto, não é apenas um sentimento despertado, mas é um desejo de interpretar este mesmo sentimento como experiência. O interesse não está só em sentir ou em ter a experiência religiosa empírica, mas em interpretar a religião relacionando-a com a vida humana toda.

O interesse científico pela religião – Como consequência do interesse científico. Os grandes cientistas de hoje estão mais interessados na religião do que alguns teólogos profissionais. O interesse do cientista, no entanto, geralmente difere do dos teólogos. Estes interpretam a religião baseando-se no raciocínio. Cada qual opera no seu campo e com seu próprio método. Isto, porém, de modo algum prejudica o interesse de nenhum deles.

O interesse dos matemáticos pela religião. Embora historicamente, o estudo da matemática concorresse para a separação entre a religião e a Filosofia, agora a matemática concorre para a volta do homem à religião. Na metafísica as conclusões do raciocínio dedutivo, por mais válidas que sejam na sua esfera, não oferecem ao homem ou ao seu raciocínio uma certeza, mas não oferecer soluções para as mesmas. Daí o interesse dos matemáticos em transcender a sua matemática e em buscar soluções na religião ou no terreno de relações pessoais.

O interesse dos psicólogos pela religião. O interesse destes é mais vital ainda do que a dos matemáticos. O psicólogo não está interessado primariamente nos aspectos reacionais ou lógicos da religião, mas sim na própria religião, como experiência do

homem como indivíduo e também como coletividade. A psicologia procura estudar aquilo que o homem é no seu sentimento ou manifestações espontâneas e não apenas nas necessidades lógicas. O psicólogo procura conhecer o homem em si e não apenas suas ideias.

O interesse do homem moderno em si mesmo como indivíduo e ser religioso. O homem de hoje está interessado em conhecer a si mesmo como ser religioso e independente dos outros. Antes de estar cômico de si mesmo, o homem está cômico de Deus e é através desta consciência que ele conhece a si mesmo. O homem moderno volta-se, pois, para a religião em si e não necessariamente para as suas formas históricas.

O interesse religioso do homem moderno como ser social. Não basta para o indivíduo como tal ser religioso. Ele precisa também atuar juntamente com os outros. As relações sociais e éticas do indivíduo com o grupo são determinadas pela religião. A Sociologia sem a religião não tem recursos para estabelecer uma sociedade ideal. Hoje fala-se em atividades sociais de caráter religioso. Trueblood no seu livro: “El Dilema del Hombre Moderno” tem um capítulo sobre “A insuficiência da religião individual”.

O interesse religioso despertado e o despertar da consciência de Deus. O homem de hoje como psicólogo ou ser psicológico racional, social, moral e ético é mais pressionado pela sua consciência de Deus do que o era o homem no passado. O seu despertar religioso não é motivado somente pelo seu progresso no conhecimento do universo físico, mas é o desenvolvimento da sua ideia de Deus, da sua divindade e do seu poder.

IDEAIS E ATIVIDADES PARA FINS CULTURAIS

I – O IDEAL E LUTA PELA JUSTIÇA SOCIAL.

Introdução –

Entende-se por justiça social o cumprimento de deveres mútuos entre indivíduos e grupos sociais. Justiça é a característica essencial de uma sociedade ética e moral.

A justiça torna-se hoje uma necessidade lógica cada vez maior devido à crescente interdependência entre indivíduos e grupos e devido aos males e inquietação crescentes na vida coletiva.

As origens do ideal de justiça na revelação especial ou cristã. A ideia de justiça vem da revelação cristã; é o alvo do Cristianismo.

A ideia de justiça nos profetas do Antigo Testamento.

A justiça era a finalidade da lei mosaica. Esta foi o critério para o julgamento do homem como justo ou injusto.

O ideal da justiça social sempre estava relacionado com a ideia do reino de Deus.

A justiça teve por base o amor do homem para com Deus e para com o seu próximo.

A justiça significava, enfim, o indivíduo receber o que semeou e ao que tem direito em sua relação para Deus e para com os outros.

Esforços e métodos seculares para o estabelecimento da justiça.

A luta pela justiça social tem sido motivada pelas necessidades práticas na base da lógica, ou da filosofia moral e ética. Tem visado atender ao clamor de classes sociais referentes às suas necessidades materiais e sociais. A luta tem sido consequência de um processo histórico.

Nessa luta, o objetivo tem sido o estabelecimento da liberdade, igualdade social ou política, a participação do

indivíduo no governo, nos lucros econômicos. O objetivo tem sido harmonizar o empregado com o patrão, prover o bem-estar e segurança presente e futura.

Por outro lado, tem havido esforços para promover assistência ou serviço social, combate ao subdesenvolvimento etc...

Os métodos seculares ou racionais têm sido externos, baseados nas necessidades, e também tendentes à ditadura.

Princípios básicos e cristãos para o estabelecimento da justiça social.

No Cristianismo, a justiça está relacionada ou dependendo da vida espiritual, moral e ética do homem como indivíduo.

A justiça apresenta-se como fruto do reino de Deus nos homens; como fruto espontâneo de uma nova atmosfera social e não apenas como atendimento aos clamores de necessitados.

Segundo o Cristianismo, a prática da justiça precisa partir do indivíduo, do seu amor a Deus e para com o seu próximo a base é o ensino de Jesus.

Segundo o Cristianismo, a justiça depende de transformação espiritual do indivíduo. Precisa vir dele voluntariamente e não se imposta sobre ele. A injustiça não depende da igualdade social ou econômica. Um exemplo de justiça acha-se em princípio entre e os cristãos primitivos – Atos 2.

Antes de poder haver justiça entre os homens, ali houve o reino de Deus nos próprios homens. O reino e a sua justiça são realidades distintas.

As inquietações relacionadas com a luta pela justiça têm sido manifestadas pela crença em utopias impraticáveis. A motivação de justiça é Cristo no homem – Mateus 25.

O estabelecimento de justiça não depende do sentimentalismo; é obra do raciocínio e da vontade.

INTERESSE EM ELIMINAR O SUBDESENVOLVIMENTO

I – Introdução

A eliminação aqui mencionada refere-se principalmente às diferenças no desenvolvimento cultural e material entre os povos com os da América do Sul, por exemplo, que se evidenciam cada vez mais em consequência do crescente intercâmbio de ideias e contatos sociais.

Este interesse é relativamente recente. Está surgindo por força de influências externas de nações mais desenvolvidas sobre as menos desenvolvidas.

O interesse também é efeito da descoberta do homem de que ele, como indivíduo e como grupo, progride por sua necessidade empírica e que também pode progredir com iniciativa própria.

II – Iniciativas seculares para eliminar o subdesenvolvimento.

As iniciativas geralmente procedem dos que são responsáveis pela vida social: estadistas, legisladores, educadores, sociólogos e outros, estimulados pelo exemplo de nações ou coletividades mais desenvolvidas.

As iniciativas surgem em forma de estabelecimento de leis, de padrões melhores para vida humana.

Vêm, também, como estímulo à educação, tornando-a, por exemplo, obrigatório, exigindo-se padrões mais elevados na habilitação para o exercício de profissões etc.

Iniciativas surgem ainda em forma de ajuda material visando facilitar a produção de riquezas e melhoramentos no nível de vida.

São iniciativas apenas de caráter material e cultural externas, que são impostas com autoridade e como necessidade. Muitos combatem o subdesenvolvimento apenas nos seus efeitos materiais e racionais, mas não atingem a causa do próprio subdesenvolvimento no homem como indivíduo e personalidades.

III – A Necessidade de focalizar as causas do subdesenvolvimento.

Antes de tratar da sua eliminação, é preciso conhecer as suas causas.

A eliminação precisa começar pelas origens da situação existente.

Para isto é preciso focalizar os fatores existentes é preciso focalizar os fatores existentes que favorecem o desenvolvimento cultural e material: ambiente geográfico, recursos naturais, clima etc.

É preciso focalizar também o fator humano: raça, formação histórica, vitalidade, iniciativa, talento, organização social etc.

É preciso conhecer ainda os fatores espirituais, morais e éticos básicos na vida humana, o progresso material e cultural sempre tem sido motivado por ideias religiosas.

O desenvolvimento do mundo ocidental tem tido suas origens no Cristianismo. Seus problemas têm sido consequências do afastamento da sua fonte.

IV – Solução Cristã para o Subdesenvolvimento.

A solução precisa começar no próprio homem como indivíduo e ser social.

Precisa começar com a sua vida espiritual e não material. É inútil combater o subdesenvolvimento apenas na esfera material. O subdesenvolvimento vem do homem e não das circunstâncias externas.

O Cristianismo mostra ao homem que, quanto à iniciativa, a sua vida material e social depende dele mesmo.

O Cristianismo desperta no homem a vontade para o trabalho, para semear para usar seus bens para os devidos fins etc.

O Cristianismo leva o homem a aperfeiçoar suas capacidades mentais, seus conhecimentos científicos, para ele tornar-se um fator construtivo na sociedade.

No Cristianismo o homem é levado a cooperar com os outros visando o bem-estar social.

MOVIMENTOS SOCIAIS E ÉTICOS DE ESCOPO UNIVERSAL.

Abordamos aqui alguns movimentos seculares para finalidades culturais de caráter social e ético visando a humanidade toda, como por exemplo: o estabelecimento de uma comunidade universal, governo mundial, paz universal e outros. São movimentos inter-relacionados que, realmente, não podem ser estudados separadamente. Embora as suas finalidades sejam essencialmente racionais, sociais e éticas, as suas origens vêm do Cristianismo e deste ponto de vista precisam ser apreciados. Vejamos:

I – O Estabelecimento de uma comunidade universal.

Os problemas sociais e éticos da vida humana transcendem as comunidades locais, nacionais, ou outras, que têm sido consideradas no passado como sendo a única ou suficiente base para a cooperação. A situação ou a necessidade do mundo atual obriga, no entanto, os homens a pensar e a agir em termos internacionais. A crise do tempo atual é universal. A sua solução torna-se cada vez mais compreendida como precisando ser de caráter internacional. O conceito de ordem social, baseada só na força particular de nações separadas, torna-se hoje insuficiente. O conceito tradicional ou teórico de uma obrigação moral universal está sendo hoje intensificado pelo crescimento da independência dos homens e das nações em consequência do desenvolvimento da tecnologia.

A ideia de obrigação moral universal já era prevista no monoteísmo dos profetas do Antigo Testamento. O Deus de Israel foi interpretado como sendo também o Deus universal. A ideia de universalidade havia também em algumas outras religiões. As ideias religiosas do universalismo, porém, sobrepondo-se às do particularismo de grupos e nações, estão sendo intensificadas hoje em dia com ao desenvolvimento da

civilização tecnológica. São duas, pois, as forças – uma moral e outra técnica – que fazem sentir as necessidades do estabelecimento de uma comunidade universal, para a solução dos problemas que também já se tornaram universais. O ideal de uma paz mundial, por exemplo, pressupõe uma comunidade universal.

A luta pela ideia de uma comunidade universal enfrenta muitos obstáculos. O exclusivismo e o orgulho das nações são impedimentos fortes. Uma comunidade de não se cria à força nem pelo poder de leis. A comunidade precisa existir antes de poder haver uma unidade baseada em autoridade e na ordem. A unidade só pode ser estabelecida pela criação e desenvolvimento de um núcleo, de uma comunidade de pessoas ou nações. A ordem e a paz mundial nunca se estabelecerão pela força externa nem pelo equilíbrio de forças. Qualquer medida externa só poderia trazer resultados transitórios. A comunidade de uma paz mundial não pode ser estabelecida na base de acordos, tratados ou alianças. Não será estabelecida apenas pelo raciocínio dos homens. A comunidade precisa vir antes da paz e da justiça, que deve existir dentro e entre os seus componentes.

As medidas externas para se estabelecer uma comunidade universal serão improdutivas se não houver primeiro um controle moral ou interno das ambições dos homens como indivíduos. Enquanto houver indivíduos, grupos ou nações egoístas, não poderá haver uma comunidade e bem-estar social. O estabelecimento de uma comunidade mundial exige a maturidade moral, mental e política; exige a disposição e a coragem de assumir a responsabilidade e usar a influência para fins coletivos e de não agir com orgulho e interesses próprios. A comunidade deve ser obra humana e ser levada a efeito por pessoas e grupos ou nações maduras e sólidas. A tarefa, no entanto, é ao mesmo tempo uma necessidade e possibilidade e também uma impossibilidade e final. A sua possibilidade é espiritual; a sua impossibilidade está em alcançar um

cumprimento prático e ideal, cuja realização final depende do poder divino.

A chave da comunidade universal está na fé em Cristo. A sua realização completa na vida humana, individual e universal, depende do amor de Cristo nos homens.

II – O Estabelecimento de um Governo Mundial (Niebuhr).

A confiança em processos falhos para solucionar os problemas sociais da nossa era tem agravado o seu aspecto trágico citando (?) uma insegurança mundial que está se agravando com o desenvolvimento da tecnologia.

O problema está no fato de que a tecnologia moderna ter criado uma comunidade mundial de caráter rudimentar, mas sem uma integração orgânica, moral e política. A tecnologia estabeleceu uma interdependência econômica entre as mesmas nações. Por outro lado, também os conflitos ideológicos têm agravado a situação, dividindo o mundo em campos opostos.

Os homens e as nações de hoje precisam, pois, procurar fortalecer, moral e politicamente, esta comunidade mundial rudimentar criada pela tecnologia.

Argumentos falhos a favor de um governo mundial.

Praticamente todos os argumentos a favor de um governo mundial partem da pressuposição de que a mera necessidade de uma ordem ou governo mundial prova a sua possibilidade. A necessidade, porém, não prova, necessariamente, a possibilidade de sua realização.

Os defensores dessa ideia pensam que, para haver um governo mundial, basta as nações estabelecerem e obedecerem a uma lei ou acordo. Ignoram, no entanto, que respeito mútuo precisa preceder qualquer obediência a um código legal.

A fraqueza dos que defendem a ideia de um governo mundial resume-se nisto: (1) Governo não se estabelecem por atos volitivos ou criativos. (2) Governos geralmente pouco podem fazer pela integração de comunidades.

A Ideia de as nações sacrificarem a sua soberania em favor de um governo mundial.

Tal fato nunca aconteceu na história. A autoridade de um governo vem do desenvolvimento natural da própria sociedade. São os grupos de indivíduos que nunca criam comunidades.

A ideia de nações criarem um governo supranacional e depois se submeterem ao mesmo, nunca poderá concretizar-se. A Rússia, por exemplo, custou a se submeter às Nações Unidas.

A natureza e o funcionamento das Nações Unidas têm sido falho e obscuro. Um governo mundial nunca se estabelecerá por atos deliberativos. Um governo mundial nunca se estabelecerá por atos deliberativos.

A incapacidade do governo para criar comunidades.

A própria autoridade do governo não vem da lei, mas da própria comunidade. As leis são obedecidas só quando correspondem às ideias de justiça na comunidade.

As leis ou governos não podem criar nem aperfeiçoar uma comunidade.

Comunidades são formadas por fatores vitais, orgânicos, étnicos e históricos. Nenhuma organização formal ou como obra do raciocínio pode criar uma comunidade social e vital.

Aspectos sociais da atual organização internacional.

A Interdependência econômica. Esta não resolve, porém, o problema das desigualdades na capacidade econômica dos povos.

Medo de uma destruição mútua numa eventual guerra atômica. O medo não cria, porém, nenhuma comunidade vital.

Para estabelecimento de uma comunidade, o fator essencial é a moral, o conceito de obrigações mútuas, baseado na lei de humanidade que existe nos homens.

As diferenças no conceito de justiça não vêm das diferenças religiosas ou culturais, mas de guerras civis. Coesão política depende de coesão de ideias e convicções em matéria de justiça.

O maior impedimento ao estabelecimento de um governo mundial é o orgulho nacional e a justiça própria dos povos.

Verdadeiras bases para a ideia de um governo mundial.

(Não de Niebuhr)

Para haver paz no mundo, é necessário que haja uma comunidade mundial e um governo ao qual todos obedeçam. Tal governo, porém, não poderá ser estabelecido por nenhum ato de vontade ou de força externa, ou processo unilateral.

Em matéria de forma, o estabelecimento da comunidade e do governo mundial depende certamente do esforço e cooperação dos seus próprios componentes. A obra precisa ser humana, mas não é humana em última análise.

O segredo do êxito no estabelecimento de uma comunidade e de um governo e da paz mundial depende, essencialmente, do governo espiritual de Jesus Cristo nos próprios homens. O governo mundial só pode ser espiritual e não material ou visível. A paz mundial depende do governo nos homens daquele que é o Senhor dos senhores e o Príncipe da Paz.

MOVIMENTOS DENTRO DO CRISTIANISMO MODERNO

I – O ECUMENISMO

Conceitos sobre as causas e significado do ecumenismo.

No livro “O Pensamento Protestante no Século XX”, o Professor Nash declara que este século é o fim da era protestante. Para ele o protestantismo não é apenas uma oposição ao Catolicismo, mas é a ação do Cristianismo na vida prática.

As causas da situação atual do Protestantismo, para o Prof. Nash, são as mesmas que produziram as transformações na

ciência e na vida econômica. Assim como o Cristianismo deixou de ser escolástico no fim da Idade Média; assim como a ciência tem sofrido transformações, assim também as denominações deixarão de lutar entre si. A era, que vem depois desta, será a era pós-cristãs, diz ele.

O Prof. Nash declara que dos evangélicos que mais se têm afastado da sua posição tradicional, recebida dos antepassados, são os batistas. Uma razão para isto, diz, tem sido a liberdade que eles têm na pesquisa das Escrituras Sagradas.

A verdade apresentada pelos protestantes transcende toda a interpretação doutrinária e eclesiástica, embora a sua linguagem simples precise ser simbólica para alcançar as massas da sociedade. A verdade apresentada deu a origem ao Protestantismo.

A presente era, declara o Prof. Nash, surgiu do racionalismo, ou da filosofia que diz: “Penso, logo existo”, vem do orgulho espiritual e não da falta do Cristianismo.

Para ele, cabe ao Protestantismo submeter à crítica a cultura política e econômica do tempo atual, crítica está devendo ser objetiva e ao mesmo tempo devendo exemplificar o Cristianismo na prática.

Resumo histórico do movimento ecumênico (H. S. Leiper).

O movimento ecumênico é relativamente recente. No começo do século predominava a ideia de que o progresso do Cristianismo era inevitável. Não havia, pois, nenhuma preocupação quanto ao seu futuro. Também não havia nenhuma preocupação quanto à unidade do Cristianismo; exceto em poucos casos. Os que se preocupavam com a sua unidade, pensavam só nos seus aspectos práticos ou funcionais, ou na cooperação de indivíduos fora das fronteiras denominacionais. Surgiram movimentos tais como: Aliança Evangélica, Movimento Cristão de Estudantes, Movimento de Escolas Dominicais, Sociedades Bíblicas e Missionárias. Eram movimentos de cooperação, mas sem pensar em alguma

unidade de Igreja. Não havia nenhuma política ecumênica doutrinária.

No começo do século XX não havia nenhuma ideia ou cogitação a respeito da união de denominações. Embora já existisse em 1886 a organização “Quadrilátero de Chicago”, está só foi tomada em consideração na América pelos Congregacionais na conferência de Lanbeta, em 1910. Ao que parece foi da Aliança Evangélica que surgiu a ênfase de uma só Igreja nos que procuravam promover a cooperação em termos não denominacionais. Em 1900, o Dr. Schaff empregou o termo “União Federal” ou “União Federativa”. O Dr. Sandford interpretou esta ideia de união como sendo aquela pela qual Cristo orou. Não pensava necessariamente em uma união de organização, mas de espírito e para fins de evangelização.

Em 1908 esta ideia foi incluída na Constituição do Conselho Mundial de Igrejas – era a ideia do espírito de comunhão e de trabalho. A criação do Conselho Mundial de Igrejas, em Filadelfia, em 1908, visava a união para fortalecer a Igreja a fim dela cumprir a sua missão mundial. O objetivo era a formação de uma federação de todas as igrejas para missões estrangeiras e outros empreendimentos interdenominacionais como a preparação de literatura e outros.

Tratava-se primeiro da união para fins práticos, como a evangelização, por exemplo. Ainda pouca ideia havia de uma união orgânica. Um outro passo para a união foi o estabelecimento da Federação Mundial de Estudantes Cristãos. Esta foi organizada na Suécia, em 1895, por John R. Mott. Daí em diante começou a surgir uma filosofia ou doutrina de Federação. Tratou-se de modo direto como promover planos, movimentos, cooperação, tendo por finalidade a união entre as denominações. Ali surgiu também a distinção entre movimentos não denominacionais e interdenominacionais. Entre estes movimentos pode ser mencionada a Associação Cristã de Moços, de caráter cooperativo, mas não eclesiástico.

O aspecto essencialmente doutrinário do movimento, visando a união, surgiu realmente da organização já referida, “Quadrilátero de Chicago”, em 1896, cuja finalidade era estabelecer uma união em bases doutrinárias, com quatro pontos: Bíblia, Credo de Nicéia, os Dois Sacramentos e o Episcopado Histórico. A partir de 1910 começou a ênfase na ideia de cooperação para missões mundiais como a tarefa da Igreja. Nesta reunião, na Escócia, estavam presentes representantes de juntas missionárias em caráter oficial e não apenas como indivíduos. Ali foram estabelecidas comissões permanentes nas principais áreas do trabalho missionário. Destas comissões surgiu depois o Conselho Mundial das Igrejas que, em 1950, reunia em si 31 conselhos regionais de Igrejas ou de outras organizações missionárias. Nesta ocasião surgiu também a ideia de que as denominações deviam se aproximar para fins missionários, ideia esta que tomou vulto daí por diante.

Foi a partir da Conferência de Jerusalém, em 1928, que o termo “ecumenismo” tomou um novo sentido. A Conferência Mundial de Oxford, em 1937, fez distinção entre “interdenominacional” e “ecumênico”. O primeiro termo foi empregado para designar grupos separados, reunidos e cooperando de algum modo, e o outro termo foi usado para designar uma unidade inerente ou intrínseca dos próprios cooperantes. Dizia-se, por exemplo: “Ecumenismo” é a ciência da Igreja Universal como Comunidade Missionária Mundial. Foi enfatizada também a necessidade de união para o desempenho da tarefa de evangelização. A ideia de uma união cooperativa concorreu para a formação de uniões cooperativas missionárias de vários tipos entre as Igrejas, tais como: troca de missionários, comunhão livre etc. As denominações começaram a se unir. No começo do século XIX, por exemplo, havia algumas 240 denominações que pertenceram ao Conselho Mundial de Igrejas. No começo do século XX o número de denominações havia decrescido para 200. No meio desse século o número decresceu para 160. A diminuição tem sido, em

média, de uma denominação por ano. A cooperação cristã, em muitos casos, tem sido o caminho para uma união entre denominações. Hoje em dia fala-se, portanto, na Grande Igreja do Futuro. Para isto é necessário que haja maior união com Cristo. Quanto mais unidos com Jesus Cristo, tanto mais unidos estarão os cristãos entre si.

INTERESSE POR AVIVAMENTOS

São poucos os períodos na história em que a marcha do Cristianismo tem sido uniforme, isto é, sem altos e baixos, sem declínios e reavivamentos. Há épocas em que o Cristianismo progrediu rapidamente e outros em que declinou, reagindo depois para atividades mais intensas. Isto já se verificou no tempo do Novo Testamento como também na história posterior. A história do Cristianismo, no que se refere a avivamentos, merece um estudo para interpretarmos adequadamente os movimentos de hoje no Cristianismo organizado e a relação destes com outros na vida humana. Alguns dizem que hoje o Cristianismo está enfraquecendo e precisa ser reavivado. Consideram as ocasiões quando o mesmo teve uma expansão mais intensa como épocas de maior atuação especial do Espírito Santo. O estudo da atuação do Espírito Santo, no entanto, pertence à Teologia. Aqui a questão de avivamentos será agora dá apenas nos seus aspectos externos e culturais. Queremos caracterizar o interesse em avivamentos apenas em suas linhas gerais. Para este fim precisamos ter uma ideia do que tem sido a marcha do Cristianismo na história mesmo a partir da sua implantação no mundo.

I – Implantação e crescimento inicial.

O Cristianismo começou na história como uma nova vida nos homens, criada por Jesus Cristo. Foi uma experiência nova – o derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne. O efeito desta experiência foi a sua propagação rápida e com poder. O

Cristianismo venceu o Judaísmo e as religiões do Império Romano. Depois de vencer as oposições, o movimento entrou em uma marcha lenta. Isto se verificou, por exemplo, depois do fracasso do sinédrio em Jerusalém, depois da conversão de Saulo, como também depois, quando o Cristianismo ganhou predomínio social e político no Império Romano. O que acontece ainda é quando o Cristianismo conquista o ambiente, surgem nele tendências para a estagnação, cristalização e corrupção. Foi assim que se estabeleceu a situação que caracterizava a Idade Média.

II – Ocasões de avivamento na história.

A marcha do Cristianismo com seus altos e baixos geralmente tem sido condicionada por situações ou movimentos também em outros setores da vida humana. A história do Cristianismo faz parte da história universal. Na Idade Média, por exemplo, o Cristianismo praticamente não apresentava nenhuma atividade vital porque a vida cultural e social estava toda quase paralisada. Na Idade Média tudo estava subordinado à Igreja. Quando veio a renascença ou despertar na filosofia e política, surgiu também despertar no Cristianismo. O despertar na filosofia veio acompanhado de um despertar religioso. Resultou daí a separação entre a Igreja e o Estado etc. O movimento religioso visava a libertação da vida espiritual da dominação das formas externas da Igreja. Esta relação contra a estagnação trouxe a reforma protestante. A desintegração do Cristianismo eclesiástico foi um avivamento do Cristianismo espiritual que havia permanecido escravizado até então. Foi o próprio Cristianismo espiritual que transcendeu as formas externas que haviam predominado. A reforma foi uma reação da vida espiritual contra a estagnação religiosa da Idade Média. Foi também o despertar da vida cultural toda – filosofia, política e ciência etc. A reforma realmente foi uma volta ao Cristianismo espiritual ou um avivamento deste.

III – Avivamentos nos tempos modernos.

Os avivamentos que tem havido na América e na Europa nos tempos modernos foram essencialmente doutrinários e espirituais e não, necessariamente, culturais. Certamente a renascença e a reforma eram culturais e também teológicas. Foi uma experiência espiritual com a sua interpretação doutrinária. Na Reforma tudo girava em torno da justificação pela fé como experiência e também como doutrina. Nos tempos modernos, por exemplo, no período de 1734-35, num avivamento liderado por Jonathan Edwards, converteram-se numa pequena igreja de aldeia 300 pessoas. A mensagem predominante da sua pregação foi a justificação pela fé como um apelo ao medo. O seu sermão típico foi “Pecadores nas mãos de um Deus Zeloso e Irado”. A pregação doutrinária produziu experiência... Depois, em 1800, outros líderes de avivamentos enfatizaram as doutrinas de “eleição”, “penas eternas”, condenação eterna dos maus”, “reconciliação”, “amor e graça de Deus”. Eram avivamentos caracterizados pela ênfase em determinadas doutrinas evangélicas que antes não haviam sido enfatizadas. Eram frutos da pregação de mensagens básicas do Cristianismo. Como resultado nos primeiros 30 anos do referido século houve o seguinte aumento numérico nas Igrejas: os presbiterianos aumentaram 4 vezes em número; os congregacionais 2 vezes; os batistas 3 vezes os metodistas 7 vezes. O avivamento era fruto da ênfase em verdades evangélicas. Outro exemplo mais recente, 1904-6, ocorreu em Gales, quando converteram-se neste período 100.000 pessoas e quando houve uma grande transformação na vida moral e no caráter do povo. Alguém disse que o País de Gales, devido ao temperamento do povo, é a terra dos avivamentos religiosos. Avivamentos geralmente têm surgido entre crentes doutrinariamente fracos e cercados de problemas externos que dificilmente podem enfrentar. Pressionados por necessidades recorrem a alguma forma passada do Cristianismo Histórico ou seus aspectos externos ou visíveis. Avivamentos produzidos por finalidades externas não constituem realmente um progresso positivo do Cristianismo.

IV – Características de avivamentos genuínos.

Para interpretarmos interesses e movimentos, precisamos distinguir entre avivamentos genuínos e simples movimentações idealizadas pelos homens. Um avivamento é genuíno quando crentes buscam compreender melhor e ter uma vida cristã mais perfeita, ou quando procuram voltar para Cristo. Um avivamento genuíno é de motivação divina. É uma volta à Bíblia, ao Cristo nela revelado, ao seu exemplo e objetivos. Avivamento genuíno não é querer imitar este ou aquele movimento ou pessoa histórica, mas é voltar para o próprio Jesus Cristo e ao cumprimento da sua vontade.

Em tempos recentes tem havido um interesse em buscar o Jesus da História ao invés de buscar as interpretações teológicas a seu respeito. Este interesse de conhecer o Jesus como o Filho do Homem, embora necessário para fins práticos, tem sido prejudicado pela falta de compreensão do Cristianismo em si e das formas em que este se apresenta nas Escrituras, ou pela falta de compreensão da distinção entre a verdade eterna e as suas expressões externas e transitórias. Por isto precisamos distinguir quando um avivamento é genuíno e constitui um progresso no Cristianismo e quando é apenas uma motivação fictícia, enganosa, herética, ignorante ou então maliciosa. Precisamos ter uma visão global do Cristianismo e distinguir nele entre o seu conteúdo espiritual e divino e as suas formas históricas ou humanas para podermos julgar os movimentos que hoje se apresentam como fossem avivamentos verdadeiros.

